

LIVRARIA "ASTREIA"  
EDITORA LTDA.

Praça Ramos de Azevedo, 209  
1.ª Sobre-loja  
SÃO PAULO



813  
625

2 vols 100h



*Dr. Franklin Guedes*  
*2-1-99*

CURSO DE LITTERATURA NACIONAL

II

NOÇÕES DE LITTERATURA ANTIGA E MEDIEVAL



DO MESMO AUCTOR

---

**Curso de Litteratura Nacional:**

- I. *A lingua portugueza.* Noções de glottologia geral e especial portugueza.
- III. *Noções de litteratura portugueza.* (No prélo.)



*Luciano Coelho*

CURSO DE LITTERATURA NACIONAL  
PARA USD DOS LYCEUS CENTRAES

---

II  
NOÇÕES  
DE  
LITTERATURA ANTIGA E MEDIEVAL

COMO INTRODUÇÃO A LITTERATURA PORTUGUEZA

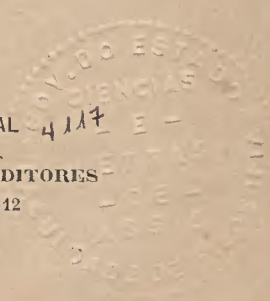
POR

**F. ADOLPHO COELHO**

PROFESSOR DE GLOTTOLOGIA NO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS  
DE LISBOA



PORTO  
LIVRARIA UNIVERSAL  
DE  
MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES —  
12 — LARGO DOS LOYOS — 12



**BIBLIOTECA DA F. F. C. L. = ASSIS**

Data							
Tombo							

INSTITUTO DE ESTUDIOS  
 SOCIAIS E ECONOMICOS  
 DE ASSIS - SP  
 269.09  
 C. 120  
 V. L. 12  
 1929

PORTO — TYPOGRAPHIA ELZEVIANA, rua do Bomjardim, 190



## PREFACÇÃO

---

Uma obra elementar da natureza da que damos hoje a lume não póde aspirar a ser um trabalho original. Em Portugal não existem já estudos classicos, podemos dizel-o sem receio de sermos classificados de exagerados: não é pois um individuo que possa isoladamente, sem apoio algum do meio em que vive, elevar-se aqui a conhecimento tão profundo da antiguidade que lhe permitta apresentar trabalhos originaes no dominio da historia litteraria da Grecia e de Roma. No dominio mesmo dos estudos nacionaes temos apenas um pequenissimo movimento.

Pensámos primeiramente em traduzir algum bom manual estrangeiro para uso dos estu-



dantes de litteratura em os nossos lyceus; mas o estado actual da organisação do nosso ensino e o programma vigente exigem um livro cujo modelo não se acha em parte nenhuma.

Em virtude d'essa organisação e d'esse programma pede-se aos estudantes muito e muito pouco ao mesmo tempo; muito em extensão e muito pouco ou nada em profundidade. Até a ultima reforma da instrucção secundaria o ensino da historia da litteratura nos lyceus reduzia-se a algumas generalidades banaes e a um catalogo de nomes mal decorados e em grande parte mal pronunciados de escriptores gregos, latinos e portuguezes e de suas obras. Era para o estudante um inutil trabalho de memorisação, que, comquanto reduzido na pratica, elles raro chegavam a vencer, confundindo a cada passo seculos e vultos litterarios, chamando, por exemplo, a Homero escriptor latino e a Virgilio escriptor grego, pon-do Camões no seculo xviii e Herculano no seculo xvi.

Em os nossos relatorios como presidente de jury d'exames de portuguez mais de uma vez declarámos que o ensino da litteratura como



estava organizado não só era inutil, mas era até em extremo nocivo. A ultima reforma separou, em verdade, o ensino da litteratura da parte pratica do ensino da lingua e dividiu-o pelos dois annos do curso complementar dos lyceus centraes; applaudimos nessa parte a reforma, affirmando ao mesmo tempo que o programma d'esse ensino carece de ser substituido por outro em melhores condições.

Esse programma, na parte que respeita ao quinto anno (primeiro do curso complementar), comprehende, além dos principios geraes de litteratura (rhetorica e poetica), de noções de philologia (isto é glottologia) geral e especial portugueza, de analyses dos textos da lingua das differentes epochas litterarias, o seguinte:

*«Historia da litteratura: noções de litteratura orientat, grega e latina, dos eyelos litterarios da idade media e das litteraturas modernas, mórmente a hespanhola, franceza, ingleza, allemã e italiana nas suas relações eom a portugueza.»*

Dado o melhor systema d'ensino era absolutamente impossivel ministrar noções uteis de tão vasta materia num só anno ao estudante que conjunctamente tem que applicar-se a



outras disciplinas que demandam tempo e concentração intellectual. Todo o ensino que não tem por fim senão uma inspecção rapida da superficie das cousas é absolutamente condemnavel. Comprehende-se pois que seria impossivel achar em qualquer outro paiz da Europa um livro que podesse ser traduzido para uso dos estudantes do quinto anno dos lyceus centraes ou que, pelo menos, servisse de modelo para um manual com esse destino; porque em nenhum outro paiz se achia um programma com os caracteres d'aquelle a que nos estamos referindo.

Esse programma não diz claramente se as noções das litteraturas antigas devem ser limitadas ao que essas litteraturas teem de relação com a portugueza; é esse limite imposto só ás noções das litteraturas modernas? Mas, em qualquer dos casos, como comprehenderá o estudante essas relações, se só no sexto anno (segundo do curso complementar) é que elle estuda a historia da litteratura portugueza?

As noções que elle estuda no quinto devem pois ficar isoladas: 1) em quanto ás litteraturas a que se referem, se essas litteraturas não são estudadas no seu conjuncto, mas só nas suas



relações immediatas com a portugueza; 2) emquanto á propria litteratura portugueza, que o estudante só conhecerá no anno seguinte.

É evidente que as noções relativas a qualquer litteratura nas suas relações immediatas com a portugueza são estudam perfeitamente na historia da litteratura portugueza; só ali é que o estudante pôde proveitosamente conhecer o que devemos á influencia das litteraturas estrangeiras e á antiguidade. O programma do quinto anno devia comprehender noções da historia das litteraturas grega e latina, tão desenvolvidas quanto possível, e da formação das litteraturas romanicas, principalmente da franceza e provençal, considerando essas noções como uma introdução ao estudo da litteratura portugueza que seria feito desenvolvidamente no sexto anno. Para que o alumno podesse tirar algum proveito d'essas noções era mister que nos cursos de latim e grego estudasse de um modo serio algumas obras dos principaes escriptores latinos e gregos.

As considerações que precedem seriam mais que sufficientes para não nos arriscarmos á empreza de redigir um compendio para o estudo da historia da litteratura no quinto anno



dos lyceus centraes, se uma ideia opposta não viesse fazel-as pôr de parte em o nosso espirito: se fosse provavel que com o nosso trabalho contribuíssemos para diminuir um pouco o mal, deveríamos hesitar? Não prestaríamos algum serviço escrevendo um livro em que condensássemos algumas noções collidas com circumspecção em o estudo de longos annos nos melhores trabalhos sobre as litteraturas antigas e medievaes e nos seus monumentos, embora esse livro não podesse ser um producto original, pelas circumstancias expostas no começo d'esta prefação, nem uma obra que de direito se intitulasse *Historia da litteratura*, um livro emfim desenvolvido segundo um plano methodico, visto termos que subordinarnos, dentro de certos limites, ás condições actuaes do nosso ensino? Ao menos os professores e estudantes teriam um compendio em que muitos dos erros que se encontram nos livros adoptados hoje no ensino seriam evitados, abstrahindo, está claro, dos que apesar da nossa boa vontade não podessemos evitar (1).

(1) Os erros a que nos referimos são por vezes muito curiosos. Assim lê-se num compendio: «a tragedia que até aqui se inspirava das grandes questões sociaes, cede agora o logar á comedia grosseira e atrevida de *Aristophanes* que nem seu proprio mestre, o virtuoso Socrates, respeitou



A primeira condição a que tínhamos que nos subordinar era a da extensão material do compendio: carregado como está o programma do quinto anno, veríamos o nosso livro rejeitado desde o momento em que o assumpto fosse tractado com alguma extensão e a nossa empresa ficaria inutil (1); a segunda condição era a da extensão do dominio que devíamos fazer representar dentro do menor numero possível de paginas; condições contradictorias a que era impossivel satisfazer sem grave desequilibrio na exposição, ou sem reduzir tudo a um catalogo de nomes, o que era precisamente um defeito que condemnávamos. Optamos pelo desequilibrio, dando mais attenção ao que julgamos mais importante. É por isso que a Secção 1—*Litteratura grega*—tem maior desenvolvimento que as outras. A im-

e que por tal forma desprezou a seriedade dos costumes que os seus concidadãos o obrigaram a fugir para a côrte de Arquelau da Macedonia, onde morreu.» Compare-se o que dizemos, neste livro, de Aristophanes, e que condensa os juizos dos melhores criticos. O auctor do compendio em que se acha aquella passagem é na verdade um cavalheiro digno da maior estima, intelligente e illustrado; mas estas condições não suppreem o que só o estudo aturado de bons trabalhos sobre historia litteraria pode dar.

(1) Num compendio muito seguido nos cursos secundarios acham-se representadas por 22 paginas, tendo aproximadamente a materia de 22 das d'estas nossas *Noções de litteratura antiga e medieval*, os assumptos que tractamos aqui. Observe-se ainda que nessas 22 pag. o auctor achou logar para a parte anecdotica e para algumas phrases rhetoricas.



portancia particular da litteratura grega justifica-nos inteiramente.

Damos uma *Bibliographia* no fim do volume, como fizemos já para a Parte I d'este *Curso*, na qual figura uma parte das obras em que temos estudado a historia das litteraturas antigas e medievaes; reduzida como vae, talvez pareça ainda demasiado larga para o nosso rapido esboço; mas o nosso intuito é ministrar aos professores e alumnos estudiosos indicação dos melhores livros onde podem buscar factos e doutrina que não cabem nos limites d'este compendio.

Observaremos que para este resumo seguimos particularmente, no que respeita á litteratura grega, Otffried Müller e Bernhardy, e no que respeita a litteratura latina Teuffel. Diremos ainda que não nos occupamos dos philosophos, porque no programma de philosophia ha uma secção sobre a philosophia antiga (sexto anno do curso dos lyceus centraes).

Parecerá demasiado extensa esta prefacção para tão curta obra; mas as condições especiaes em que ella é escripta exigiam, cremos, a exposição que fazemos.

Lisboa, 30 de setembro de 1881.



Luísa Guatheto

## INTRODUÇÃO

---

### 1. Litteratura e historia litteraria (1)

Designa-se pela palavra *litteratura*, no sentido lato, todo o complexo de manifestações do espirito humano, tendo por orgão a palavra (e especialmente a palavra fixada pela escripta), cujo fim não é meramente utilitario e individual.

Um recibo, uma carta em que se attende só ao fim immediato não são productos litterarios; mas uma carta em que se attendeu não só a esse fim, mas se quiz dar correcção e elegancia á forma, em que apparecem imagens e conceitos, é um producto litterario. Uma lei, comquanto de um valor geral para a sociedade, não poderá em regra ser conside-

(1) Vid. neste *Curso de litteratura nacional*, I parte, § 1, a definição de philologia.



rada como um producto litterario; mas se essa lei, como acontece nos antigos periodos das civilisações, toma um character poetico, rythmico, symbolico, se o legislador não se contenta com exprimir simplesmente o preceito, mas busca imprimir-lhe uma feição mais ou menos artistica, a lei é, em quanto á forma, um producto litterario.

Neste sentido lato, a litteratura comprehende tambem as obras scientificas, ainda que escriptas sem preocupação de forma.

Vê-se pois que a classificação como litterarios de quaesquer escriptos depende de duas considerações distinctas: a consideração da *forma*, e a consideração da *materia*.

As obras que reúnem ao valor geral da materia a maior perfeição da forma são os productos mais rigorosamente litterarios. Ora essas condições podem realisar-se do modo mais completo nas obras litterarias das classes seguintes: poesia, e os generos prosaicos que se lhe ligam, eloquencia, historia, classes que comprehendem as artes da palavra.

*Litteratura*, no sentido estricto, é o conjuncto de obras poeticas, oratorias e historicas de um ou mais povos, numa ou mais epochas (1).

É da litteratura tomada nesse sentido que nos occupamos nestas *Noções*.

(1) Reconhecemos a insufficiencia d'estas definições; mas temos que nos contentar com ellas, numa obra da natureza da nossa e attendendo ás



2. Historia da litteratura

A *historia litteraria* faz parte das sciencias philologicas, de que é a parte mais elevada e synthetica: é, na accepção lata, a historia do desenvolvimento intellectual d'um povo, da humanidade; no sentido estricto a historia das artes da palavra.

No sentido estricto a *historia litteraria* toma a designação de *historia da litteratura*.

A historia da litteratura comprehende principalmente:

1) O estudo das origens litterarias populares, isto é, dos generos espontaneos, que depois, pela influencia de grandes individualidades, se converteram em generos artisticos;

2) O estudo de todas as influencias naturaes, sociaes e moraes que reagem sobre as litteraturas;

3) A biographia dos auctores, em que se buscará determinar as relações entre o seu character, educação e epocha com a sua obra;

4) A analyse critica das obras litterarias, estudo dos elementos de que seus auctores se serviram, determinação da sua significação, já nacional, já universal;

circumstancias actuaes do ensino. Sobre *forma e materia* da litteratura daremos as explicações necessarias nos *Principios geraes de litteratura* (rhetorica e poetica) que preparamos.



5) Determinação das causas que produzem o progresso ou a decadencia da litteratura.

### 3. As litteraturas europeas e as orientaes

As litteraturas mais completas, mais perfectas sob todos os pontos de vista são em geral as litteraturas dos povos europeus de origem indo-europea (1), como as suas civilisações são tambem as mais perfectas e progressivas. Pode dizer-se: só as litteraturas europeas teem uma verdadeira historia, rica, variada de phases, reflexo quasi sempre (mas nem sempre, se nos limitamos aos generos propriamente litterarios) fiel da vida social nos seus lados mais elevados; ellas teem mais que nenhuma outra acima das feições particulares que a epocha e nacionalidade lhe imprimem uma significação profundamente humana, universal; originaes e receptivas ao mesmo tempo, elaboraram em uma forte unidade de plano os elementos proprios e os elementos escassos que lhes foram ministrados pelas litteraturas orientaes.

As litteraturas orientaes tiveram principalmente por sede o Egypto, a Assyria e Baby-lonia, a Palestina, a China, a India e a Persia.

(1) Vid. *Curso de litteratura nacional*, I parte, § 40.



EGYPTO. Os monumentos litterarios que nos restam do Egypto, já gravados nas pedras, já em papyro, material d'escripta fornado por folhas d'uma especie de canna, convenientemente preparada, são de diversos generos; mencionaremos os seguintes:

1) Escriptos religiosos, rituaes, como o *Livro dos mortos*;

2) Composições de caracter poetico, entre as quaes: hymnos ás divindades e poemas historicos;

3) Contos, novellas, taes como os *Contos dos dois irmãos* e o do *Principe predestinado*, traduzidos em diversas linguas europeas, os quaes offerecem muitas analogias com os contos populares de todos os paizes;

4) Tractados sobre a geometria, medicina e astronomia;

5) Obras de philosophia e moral;

6) Escriptos de caracter historico, chronicas rudimentares.

ASSYRIA. Este paiz teve uma litteratura grammatical e lexicologica, consistindo de syllabarios dos caracteres cuneiformes, grammaticas, dictionarios e livros de synonymos. A maior parte d'esses escriptos era estampada em caracteres miudos sobre tijolos cozidos, que eram numerados e ordenados em bibliothecas. Segundo as investigações recentes os As-



syrios teriam tambem uma epopea, de que Semiranis e Nannaro, mencionados pelos gregos, seriam personagens mythicos. Nas inscrições chamadas accadianas pretendem os investigadores ter achado hymnos religiosos e numerosas formulas magicas e ensalmos contra a feiticeria e possessão demoniaca.

PALESTINA. Os monumentos classicos da litteratura do povo hebreu são os livros do Antigo Testamento, que comprehende obras principalmente de character historico, litterario, religioso, e uma parte ainda, que segundo alguns, é puramente litteraria, como o Cantico dos Canticos de Salomão, em que muitos escriptores veem apenas uma allegoria mystica. Sob o ponto de vista meramente litterario tem um alto valor muitas d'essas diversas obras; mencionaremos em especial, alem do livro já referido de Salomão, os Psalmos de David, o livro de Job e alguns cantos dispersos como o de Deborah (Juizes v, 5).

CHINA. Os mais antigos monumentos da litteratura chinesa são constituídos pelos *nove livros classicos*:

O *Livro das mudanças*, por Wãn Wang, que teria vivido no seculo XII, A. C., consistindo num systema de philosophia natural;

O livro da historia (*Shoo King*), o *Livro das*



*Odes*, os *Annaes da primavera e do outomno*, o *Livro dos ritos*, de Confucio;

Os *Quatro Livros*, pelos discipulos de Confucio e Mencio.

Essas obras contem materia poetica, philosophica, rhetorica, historica, scientifica e religiosa. O livro das *Odes* é o de maior importancia litteraria; nelle foi condensada uma collecção official de cantos tradicionaes (3000).

Os chinezes, pelo budhismo, receberam da India consideravel influencia litteraria. A sua litteratura post-classica comprehende romances, contos, peças dramaticas interessantes para o estudo do conhecimento do povo que as produziu.

INDIA. a) Da antiga phase da lingua sanskrita, o vedico (1), restam monumentos de uma litteratura religiosa da mais alta importancia para o estudo das origens historicas — os quatro *Vedas*, que são:

1) o *Rig-Veda*, collecção de hymnos religiosos, o mais antigo de todos esses livros e ao mesmo tempo o mais antigo monumento das linguas indo-europeas;

2) O *Sama-Veda*, collecção de orações e formulas que deviam recitar-se durante os sacrificios;

(1) Vid. *Curso de litteratura nacional*, 1 parte, p. 21.



3) O *Yadjur-Veda*, collecção da mesma natureza da precedente;

4) O *Atharva-Veda*, em que se acham numerosas formulas metricas para a cura das doenças e esconjuro d'espíritos malevolos, de grande valor para a historia da magia e feiticeria. A litteratura vedica comprehende além d'isso:

5) Os *Brahmanas*, obras contendo muitas prescripções rituaes, tradições, explicações religiosas;

6) *Sutras*, appendices dos escriptos que acabamos de mencionar.

b) Á phase classica pertencem, entre outros monumentos, duas grandes epopeas:

1) O *Mahabharata*, em que se reflectem as luctas dos povos em Kuruxetra;

2) O *Ramayana*, que tem por assumpto a conquista da ilha de Ceylão pelos aryas da India.

A India possui além d'isso em sanskritto uma litteratura dramatica, de que um dos mais celebres monumentos é o *Reconhecimento de Sakuntala*, do poeta Kalidasa; varias collecções de contos, o ramo mais perfeito das lettras indianas, das quaes a mais celebre é a conhecida pelo nome de *Pantschatantra* (cinco livros), titulo que se refere á forma conhecida hoje na India da collecção, que primitivamente tinha treze livros; o *Pantschatantra* foi traduzido em todas as principaes linguas litte-



rarias do universo. É tambem muito notavel a antiga litteratura grammatical d'aquelle paiz.

PERSIA. Nas inscripções mandadas lavar nas rochas, como a de Behistun, a mais importante de todas, e no *Avesta*, o livro sagrado da religião de Zoroastres, temos os monumentos mais antigos do ramo eramico das linguas indo-europeas.

O monumento litterario, propriamente dicto, mais importante da Persia, é o *Sháh-naméh* (Livro dos reis), grande poema epico em que o poeta Firdusi, no seculo XII da nossa era, reuniu as mais importantes tradições nacionaes.

As litteraturas que acabamos de mencionar não exerceram, na antiguidade, nenhuma acção directa sobre as litteraturas pagãs da Europa, que possa demonstrar-se de um modo indubitavel no estado actual dos nossos conhecimentos; mas, é-se inclinado a admittir influencia litteraria do Egypto e paizes da Asia occidental sobre a Grecia. A opinião de que influencia inversa foi exercida por a litteratura grega sobre as litteraturas orientaes, e especialmente sobre a da India, tem a seu favor factos importantes; alguns dos mais notaveis indianistas indicam essa influencia na



epopea e sobretudo no drama e litteratura grammatical da India.

A litteratura hebraica exerceu, pela acção do christianismo, influencia consideravel sobre as litteraturas medievaes e modernas; as traducções da Biblia foram o principal vehiculo d'essa influencia. Na Allemanha, por exemplo, a traducção da Biblia por Luthero num dialecto especial deu em resultado ser esse dialecto elevado á dignidade de lingua litteraria d'esse paiz. A Biblia, e principalmente o Novo Testamento, representaram notavel papel, como veremos, nas origens do theatro medieval.

A litteratura indiana influiu, já directamente por traducções das collecções dos contos, como o *Pantschatantra*, já indirectamente pelos contos que vieram do Oriente, passando de boca em boca, sobre a novellistica medieval e popular das nações da Europa.



# SECÇÃO I

---

## LITTERATURA GREGA

---

### 1. Preliminares

#### a) Origem e caracter dos gregos

Os gregos pertencem ao grupo dos povos indo-europeus; as suas concepções religiosas, os seus costumes, a sua organização social, como a sua lingua partiam portanto do fundo commun d'esses povos; mas em virtude da absorpção de elementos ethnicos que elles encontraram nos paizes em que se estabeleceram, em virtude de todas as condições exteriores do meio e d'outras causas, adquiriram feições especiaes que os caracterisam entre os povos do grupo a que pertencem. As suas concepções religiosas desenvolveram-se no



sentido do mais completo anthropomorphismo, isto é, da concepção da divindade sob a forma humana; os mythos, resultado da interpretação dos phenomenos naturaes, como acções de personagens divinos, de seres dotados de forma, vontade, paixões, como os homens, multiplicaram-se entre elles, graças a uma imaginação rica e á influencia da natureza, de aspectos variados, que serviu de theatro á civilisação grega. Elles apropriaram-se tambem de lendas, de deuses dos povos com que se acharam em contacto, principalmente dos phenicios, e fizeram com esses elementos um maravilhoso tecido de tradições, que serviu de base a toda a sua litteratura poetica. Para os gregos, no periodo do seu primeiro desenvolvimento, tudo tomava a forma mythica. Fazia-se uma expedição maritima: era um deus, um heroe, alguma velha divindade solar ou meteorica que tinha servido de guia. Um rio que se precipitava d'uma montanha e ia rapidamente morrer no mar era um heroe destinado a morrer no esplendor da mocidade, de pés rapidos como Achilles. Para um semelhante povo as origens estão envolvidas todas no mytho; só uma critica profunda póde tirar alguns dados positivos das velhas lendas relativas ás suas migrações, á fundação das suas colonias, ás suas primeiras luctas, ás suas antigas casas reaes. A verdadeira historia da Grecia começa



só com Thucydides. A data da primeira olympiada não pode mesmo ser tida como demonstrada.

b) A religião e civilização hellenicas

Comquanto muitos dos mythos hellenicos nos apresentem os deuses figurando em condições immoraes, não só no sentido primitivo o mytho era puramente a expressão d'um phenomeno da natureza, mas ainda a religião hellenica deve ser na essencia considerada como servindo de base a uma moral elevada. Na religião dos dorios, Apollo representa o bem moral, a pureza da alma, e todas as tradições que se ligam ao deus da luz são de elevada significação. Nos seus mais antigos monumentos litterarios, os gregos apresentam-se nos como tendo chegado a um assaz elevado nivel moral, que ha de attingir o seu ponto culminante em Socrates.

Os gregos traziam da patria commum indo-europea uma civilização ainda rudimentar: ao contacto com povos que os precederam na civilização, os egypcios, os semitas, etc., as suas aptidões foram suscitadas em todas as direcções, na marinha, na agricultura, na arte, na litteratura; assenhorearam-se, d'entre os elementos d'essas civilizações asiaticas, do que podia harmonisar-se com o seu genio proprio, e muito longe de serem meros reproductores,



bem depressa se emanciparam dos seus mestres em manifestações de toda a especie e de character profundamente original.

Nos productos mais perfectos do genio grego acham-se a natureza como medida e forma e o espirito do homem consciente, na plenitude de suas forças juvenis, como força organisadora.

c) Divisão da historia da litteratura grega

A historia da litteratura grega divide-se em seis periodos:

*Primeiro periodo*: é propriamente o periodo ante-historico que vae desde a separação dos gregos dos outros povos indo-europeus até a formação das epopeas homericas.

*Segundo periodo*: periodo de desenvolvimento da lyrica e da epopea; vae desde a formação das epopeas homericas até ás guerras persicas (490 a. Christo).

*Terceiro periodo*, ou periodo attico; vae desde as guerras persicas até Alexandre Magno (490 a 336 a. Chr.); é o periodo de desenvolvimento do theatro e da prosa.

*Quarto periodo*: periodo da hellenisação dos povos ou extensão da cultura grega para fóra da Grecia; vae de Alexandre Magno até a queda da republica romana (336-30 a. Chr.); caracteriza-se por decadencia na litteratura pro-



priamente dicta e desenvolvimento dos estudos grammaticaes e criticos.

*Quinto periodo:* vae de Augusto até Justiniano (30 a. Chr. a 529 p. Chr.).

*Sexto periodo:* vac desde Justiniano até à queda do imperio do Oriente (529 a 1453 p. Chr.).

d) Dialectos gregos

A lingua grega scindia-se em tres dialectos principaes: eolico, dorico e jonico. Nas epochas antigas cada ramo do povo hellenico se serviu do seu proprio dialecto nas suas composições litterarias; mais tarde um d'esses dialectos tornou-se a lingua geral.

1) O *dialecto jonico* era fallado pelo ramo jonico do povo hellenico, principalmente na Asia Menor, na Attica, em muitas illas e nas colonias jônicas. Foi o primeiro dos dialectos gregos que teve uma cultura poetica regular; apresenta tres formas que correspondem a tres periodos de vida differentes:

a) o *antigo jonico* ou *jonico epico*, empregado nos poemas homericos e hesiodicos e antigas obras similhantes;

b) o *neo-jonico*, representado principalmente na obra de Herodoto;

c) o *dialecto attico*, em que foram redigidas as numerosas obras produzidas em Athenas



no periodo do seu esplendor. Os principaes auctores que empregaram este dialecto, são: os tragicos Eschylo, Sophocles, Euripides, o comico Aristophanes, os historiadores Thucydides e Xenophonte, o philosopho Platão, os oradores Lysias, Demosthenes e Eschines.

A preponderancia de Athenas, o alto grão de cultura attingido pelo dialecto attico, deram a este a importancia de principal dialecto e fizeram consideral-o como sendo a lingua grega por excellencia. No dialecto attico distinguem-se tres phases: *aa*) a antiga, representada por Thucydides e os tragicos; *bb*) a media, representada por Platão; *cc*) a nova, representada pelos restantes escriptores atticos.

2. O *dialecto eolico* era fallado pelos eolios, principalmente na Asia Menor, na Beocia e na Thessalia. Alceu e Sappho são os principaes representantes d'este dialecto.

3. O *dialecto dorico* era fallado pelos dorios, principalmente na Grecia septentrional, no Peleponeso, em Creta, e nas numerosas colonias doricas, taes como as da Sicilia e Italia inferior; é no essencial o dialecto da poesia lyrica de Pindaro e da bucolica de Theocrito.

4. Depois que Athenas perdeu a preponderancia, continuou ainda o dialecto attico a ser a lingua de todos os gregos instruidos, mas perdeu em breve a sua pureza, e a partir do



terceiro seculo a. Chr. distinguu-se o dialecto commum grego do attico (1).

## 2. Primeiro periodo

### \* a) Poesia primitiva dos gregos

A poesia primitiva dos gregos não nos é conhecida por nenhum documento directo: só por diversas indicações posteriores, por combinações de factos diversos podemos fazer ideia de que ella devia ser essencialmente religiosa, baseada sobre mythos, lyrica pela forma, epica pela materia. Temos os nomes de alguns dos generos d'essa poesia; taes são: o *lino*, o *pean*, o *lhreno*, o *hymeneo*, o *hymno*.

1) O *lino*, canto de *lino*, era um canto de dôr, que se entoava pelas vindimas, em que se chorava a morte d'um mancebo na flor da idade; esse canto era commum a diversos povos do oriente do Mediterraneo; o seu assumpto era a morte do espirito da vegetação estival pelos calores caniculares, mytho de que são variantes as historias de Attis, Adonis e Acteon. O nome do canto vinha do estribillo *ai linon*, de origem semitica, significando *ai de nós*. Quando não se soube o que era *ai linon* sup-

(1) Muitos auctores separam o attico do jonico, contando assim (com o eolico e dorico) quatro dialectos principaes do grego. Seguimos G. Curtius.



poz-se que o canto era obra d'um poeta *Lino*, ou lamentava a morte de *Lino*.

2) O *pean* era um canto consagrado a Apollo, em que se implorava a protecção do deus, se exprimia a confiança na sua protecção e se lhe rendia graças por uma victoria alcançada.

3) O *threno* era o canto funebre entoado geralmente junto do leito d'um morto, tendo sem duvida, como entre muitos povos, um caracter lyrico e narrativo ao mesmo tempo, em que a narração dos feitos, os louvores do morto se cortavam com gritos dolorosos; outras vezes o *threno* adquiriria quasi um caracter dramatico pela alternação dos cantores, que representariam diferentes membros da familia do morto, como se vê ainda hoje em muitos povos que teem cantos semelhantes.

4) O *hymeneo* era o canto que se entoava por occasião d'um casamento. A esposa era conduzida da casa de seus paes, pela rua em procissão, á luz de tochas, e um choro de donzellas entoava o hymeneo ao som das flautas e citharas.

5) O *hymno* era uma composição d'um caracter mais epico que lyrico, tendo por objecto as acções d'um deus, uma parte da historia d'um deus, um mytho portanto mais ou menos complexo. Com o curso dos tempos a palavra *hymno* designou composições assaz diversas,



mas sem duvida aquelle era o caracter do hymno primitivo.

b) Poetas mythicos

Junto dos sanctuarios, dos templos afamados dos deuses gregos, havia como que escholas poeticas destinadas á composiçãõ ou transmissãõ dos cantos consagrados a essas divindades e á organisaçãõ dos choros que os entoavam com acompanhamento de um ou dous instrumentos, da cithara ou da flauta, ou de ambos combinados. Essas escholas poetico-sacerdotaes consideravam-se como tendo por antepassados ou por fundadores certos cantores, cujo caracter é geralmente mythico; taes são: Eumolpo, Orpheu, Oleno, Museu e Thamyris.

EUMOLPO. Os eumolpides, cujo nome significava *bellos cantores* e que tinham parte desde tempo immemorial no serviço de Demeter na Eleusis attica, consideravam-se como descendentes de Eumolpo, poeta thracio.

ORPHEU. O poeta mais celebre d'esse grupo e ao mesmo tempo o que apresenta mais pronunciadas feições mythicas é Orpheo, cantor thracio, segundo a tradiçãõ: os dois factos mais antigos que se lhe attribuiam eram a fun-



dação d'um culto de Baccho ou Dionyso reinando nos infernos (Zagreus), culto ligado ao de Demeter, e a composição do hymno d'inição para esse culto.

OLENO. Segundo a lenda, Oleno era um lycio ou hyperboreo, isto é, natural d'uma região em que Apollo (o deus solar) costuma residir; vemos a sua memoria ligada ao culto d'essa divindade e em Delos repetiam-se muitas especies de hymnos que lhe eram attribuidos. Havia tambem na tradição *nomos*, isto é, cantos simples e archaicos com melodias invariaveis, cantados durante a dança do choro, que eram considerados como tendo Oleno por auctor.

MUSEU. O nome d'este poeta mythico parece significar *inspirado das musas* e, a ser assim, um nome generico de poeta; na Attica era associado com os hymnos de Demeter e eram-lhe attribuidas numerosas poesias, d'entre as quaes só uma é considerada como aulhentica por Pausanias. Segundo a tradição Museu era thracio, discipulo de Orpheu e um dos Eumolpidas.

THAMYRIS. Tambem era considerado como de origem thracia o poeta Thamyris, a que se attribuiam hymnos, mas que segundo uma



allusão homérica ia de casa d'um príncipe a casa d'outro príncipe—o que era o caracter, não dos poetas lyricos ligados ao culto das divindades, mas d'um poeta epico.

e) Outros generos litterarios primitivos

Alem da poesia, os gregos deviam ter naturalmente, como os povos que se acham em um grao inferior de civilisação, outros elementos tradicionaes de litteratura, taes como *proverbios*, *enigmas* e *contos*. Os seus monumentos litterarios desde as epopeas homericas até aos tragicos permitem-nos affirmar effectivamente a persistencia d'esses elementos na tradição popular, pois nelles os vemos aproveitados. Um certo numero de elementos que serviram de base ao theatro existiam tambem desde muito alta antiguidade.

### 3. Segundo periodo

(CERCA 1000 A 490 A. CHR.)

a) Divisões

Este periodo extenso, cujo limite mais antigo se fixa só hypotheticamente, poder-se-hia dividir em quatro epochas: 1) a epocha da epopea; 2) a epocha da elegia e do epigram-



ma; 3) a epocha da poesia hesiodica; 4) a epocha da lyrica; mas em rigor é difficil fazer chronologicamente essa separação, porque a elaboração epica termina só depois de iniciado o periodo da elegia e do epigramma, etc.; emquanto ao seu ponto culminante de vitalidade essa ordem de successão é, porém, verdadeira.

O desenvolvimento das formas litterarias entre os gregos deu-se de um modo perfeitamente regular, organico, por assim dizer, porque, embora emquanto á musica e outras particularidades exteriores os gregos recebessem influencia dos povos com que se achavam em contacto, elles não tiveram como os romanos modelos que imitassem: os seus typos litterarios, produziram-se, pois, entre elles em virtude d'uma lei de progresso, d'uma evolução subordinada ás modificações sociaes, que se define pela passagem gradual da poesia objectiva, impessoal, para a poesia lyrica, propriamente dicta, em que se manifesta a individualidade subjectiva.

b) Poesia epica

*Factos historicos que determinam a formação epica.* Os gregos não tendo deante de si um modelo de epopea, que imitassem, não podiam chegar senão por um trabalho, por assim di-



zer, espontâneo á organização de uma obra d'essa natureza. A idea de formar uma larga epopea complexa, rica de episodios, com uma acção desenvolvida, não se apresenta senão mais ou menos tarde na litteratura d'um povo: toda a poesia epica mais antiga dos gregos devia pois reduzir-se a curtos cantos em que se narravam feitos dos heroes, acontecimentos notaveis na vida dos antepassados illustres. Essa poesia era essencialmente um fructo da sociedade monarchico-feudal em que os reis, os principes se lisongeavam de ouvir cantar as glorias que illustravam as suas familias. Os cantos epicos eram os seus pergaminhos, uma recommendação que os elevava na estima dos seus subditos.

Um factio capital veio dar a esses cantos um centro determinado: foi a entrada dos gregos numa verdadeira vida historica pelos seus estabelecimentos na Asia Menor. A immigração dos Dorios para o Peloponeso, conhecida com o nome de volta dos Heraclidas, que os chronologos fazem remontar ao seculo XII, a. Chr., deu como consequencia a emigração dos eolios ali estabelecidos, sob o commando de principes da casa real de Argos; as tradições argivas ácerca de Agamemnon, Helena, Menelao passaram assim para a Asia Menor, onde se ligaram com uma tradição da destruição de Troia, destruição que ao que parece fôra, não



obra dos gregos, mas sim de egypto-phenicios. Pouco e pouco as duas tradições perfeitamente verdadeiras d'uma expedição argiva e d'uma destruição de Troia, fundiram-se na memoria popular e creou-se a lenda de que uma expedição, sob o commando d'um principe da casa de Argos, fôra pôr cerco a Troia; na lenda entraram numerosos elementos de origem hellenica e semitica, que permittiram dar como causa á empreza o rapto de Helena, mulher d'um principe argivo (Menelao, irmão de Agamemnon), por Paris, filho do rei de Troia.

Assim se formou a materia de cantos epicos em que se narraram os feitos de tal ou tal heroe em frente dos muros de Troia, os accidentes de esperanza ou de desanimo dos gregos, etc. Esses cantos deviam ser, pela maior parte, de pouca extensão, como os da mesma natureza que encontramos em diversos povos, e uma das epopeas homericas nos dá quasi especimens d'elles quando Demodoco canta o episodio do cavallo de pau e a queda de Troia. (*Odysseá*, c. VIII.)

HOMERO. Segundo a tradição antiga teria havido um poeta do nome de Homero, de que sete cidades disputavam a honra de ser patria, o qual teria composto os dous grandes poemas epicos, a *Iliada* e a *Odyssea*, além de diversos hymnos; chegando-se-lhe mesmo a



attribuir diversas composições que só teem com aquellas obras a analogia do genero. As tradições ácerca da sua vida estão por tal modo entretecidas de fabulas que nada pode saber-se ao certo a respeito d'elle, nem mesmo pode affirmar-se se o nome designava um individuo real ou se era um appellativo, como Museu, por exemplo.

Estamos bem longe de ter aquellas duas epopeas na sua forma primeira: a critica antiga submetteu-as a um trabalho de revisão que necessariamente as modificou; além d'isso a epocha em que ellas se achavam já numa forma aßaz proxima da que conhecemos não está precisamente determinada. Abstrahindo das modificações por què passaram, as duas epopeas são os mais antigos monumentos que nos restam da litteratura grega, como nos revelam todas as particularidades da vida domestica, social, guerreira e maritima dos gregos que nellas se apresentam.

*Opiniões ácerca da formação da ILIADA e da ODYSSEA.* Uma opinião que remonta já á antiguidade via nas duas epopeas, não obras de um só poeta, mas sim de dous poetas. Modernamente objectou-se contra a attribuição a um só poeta das duas composições que ha entre as concepções religiosas, a organização social e ainda outras particularidades, num e noutro poema, diferenças que tornam impos-



sivel consideral-as eomo provenientes da mesma epocha, sendo a *Odysea* mais recente. Segundo outra opinião, que se estriba em numerosos factos, nenhuma das duas epopeas é obra de um só homem, mas a união de certos poemas, da natureza dos que mencionamos num todo, cuja unidade, alem da que resultou da unidade da tradueção, é apenas apparente. Como o estudo das epopeas d'ontras nações provou nellas a existencia d'um processo semelhante, como esse modo de formação resolve e explica muitas das difficuldades da questão homeriea, essa opinião tem ganhado terreno.

*Formação da ILIADA.* A *Iliada* tem por assumpto central a colera de Achilles, que em virtude d'uma dissençaõ com Agamemnon no cerco de Troia, se retira para as náos, deixando assim os gregos privados do seu valeroso auxilio; a morte do seu amigo Patroclo em eombate singular eom Heitor, o filho do rei de Troia, fal-o quebrar a sua resolução; desafia Heitor em combate singular em que o mata. Uma acção tão simples acha-se compliceada eom numerosos episodios, grande numero dos quaes não tem relação immediata com ella ou estão até em contradicção com as partes que de mais perto se lhe ligam. O nucleo da *Iliada* parecee ser uma *Achilleida*, um poema formado sobre lendas nascidas do entreteimento



de tradições dos beocios phthiotas emigrados para a Asia com as tradições eolias. Essas lendas foram apropriadas pelos jonios, vizinhos asiaticos dos eolios, dotados em alto gráo do genio epico.

*Formação da ODYSSEA.* Pelo assumpto a *Iliada* pertence a um cyclo de tradições mais antigas que as da *Odyssea*—as tradições relativas ás expedições para a Asia; em quanto a *Odyssea* nos faz entrar na epocha de expansão da vida maritima e colonial dos gregos. O nucleo da *Odyssea* é um conto popular, o conto da fidelidade da esposa durante a ausencia do marido. O conto permittia á imaginação jonia bordar um tecido de aventuras maritimas, de que era heroe o marido ausente, e uma serie de peripecias relativas á esposa que o esperava anciosa. A ligação ao cyclo das tradições troianas dava á ausencia um motivo justificado, e explica-se além d'isso pela importancia que a lenda adquirira entre os jonios, quando em Egialeia, no golfo de Corintho, elles localisaram em Ithaca o conto. Um rei tão notavel como Ulysses, não poderia, na imaginação popular, ter deixado de tomar parte na expedição contra Troia.

*Hymnos homericos.* Os hymnos que em numero de trinta e tres se attribuem a Homero são em geral de um character mytho-epico e considerados em parte como proemios epicos,



isto é, cantos dirigidos a uma divindade, com que o poeta epico fazia preeeder a exposição da composição epica.

*Aedos e rhapsodos.* A critica não determinou ainda perfeitamente o character distinctivo d'essas duas especies de cantores epicos, que ou compunham ou cantavam composições alheias. Os *aedos* parecem ter sido sobretudo verdadeiros cantores epicos, e os *rhapsodos* arranjadores de cantos alheios. Os cantos epicos andaram longo tempo na memoria d'esses cantores, porque só em epocha relativamente recente, mas ainda não determinada, é que foram pela primeira vez fixados pela escripta.

**BATRACHOMYOMACHIA.** Um poema intitulado *Combate das rãs e dos ratos (Batrachomyomachia)*, parodia da epopea, foi tambem attribuido a Homero, mas o seu character mostra que remonta a uma epocha muito mais recente que a das epopcas homericas.

**POETAS CYCLICOS.** Os *cyclicos* ou *poetas ey-clicos* eram os poetas da eschola jonia, que no estylo e na economia das suas composições seguiam as epopeas homericas, subordinando-se-lhes na escolha do assumpto. Tractavam os acontecimentos que tinham precedido e seguido a guerra de Troia, os que se deram entre a acção da *Iliada* e da *Odyssea*. Entre os



epicos afamados do cyclo nomeam-se Stasi-  
no, Arctino e Lesches.

*Metro epico. Recitação.* O metro epico era o hexametro, verso de seis pés dactylicos, que nós achamos imitado depois na poesia latina epica. Como o tem mostrado o estudo comparado dos metros indo-europeus, esse metro era muito antigo, remontando a um typo commum ao povo primitivo de que os gregos e os outros povos do mesmo grupo são representantes. A poesia epica era dicta ao que parece num movimento de recitativo muito simples; a phorminx, especie de cithara, que levava comsigo o cantor epico, servia para tocar um preludio e talvez curtas melodias ou phrases no fim das partes em que o canto era dividido.

c) Poesia hesiodica

*Caracter geral da poesia hesiodica.* A poesia homERICA é perfeitamente objectiva; o poeta nella não apparece; o acontecimento que relata absorve a sua individualidade; as observações apresentam-se aqui apenas isoladamente (mais na *Odyssea* que na *Iliada*) como expressão da sabedoria commum; o seu assumpto é tirado do mundo cavalleiresco e da aventura. A poesia hesiodica liga-se ainda por muitos lados á epica homERICA: emprega o mesmo metro; tem em grande parte um caracter nar-



rativo; elabora mythos e tradições que offereciam um interesse epico, mas o elemento individual começa a apparecer nella; o seu ponto de mira é a pratica da vida. A poesia homerica é essencialmente a poesia da Grecia asiatica e insular, das expedições e migrações; a poesia hesiodica é a poesia da Grecia continental, d'uma sociedade fixada e que se desenvolve em sentido interno; aquella occupa-se das luctas dos povos contra os povos, ou do homem contra a natureza, esta basea-se sobre a lucta dos interesses sociaes, sobre a lucta do homem comsigo mesmo. A litteratura hesiodica é-nos representada apenas por um pequeno numero de composições, mas é de crer que ella tivesse sido assaz vasta.

HESÍODO. Como a poesia epica se acha sob o nome de Homero, assim a antiga poesia epico-didactica é attribuida a um poeta do nome de Hesiodo. As noticias pessoases que temos ácerca d'este são raras, mas encontramos aqui menos symbolos e mythos que na biographia de Homero. É impossivel fixar a epocha da sua vida, que alguns criticos põem no começo das Olympiadas. O que ha de mais acceitavel é que elle era natural de Ascra, na Beocia, de pae eolio. As obras que lhe foram mais constantemente attribuidas, são: *Os trabalhos e os dias*, a *Theogonia* e o *Escudo d'Hercules*.



*Os trabalhos e os dias* tem por assumpto, ou antes por motivo, um processo movido a Hesíodo por seu irmão Perses, que queria aposar-se da parte da herança paterna que pertencia áquelle; Hesíodo busca reformar o caracter de Perses e indica-lhe os trabalhos de que se deve occupar, os trabalhos da lavoura, de que viviam os Beocios. Uma ultima parte do poema em que ha um tecido de crenças supersticiosas sobre o valor economico dos dias, tem um caracter mais recente.

A *Theogonia* occupa-se da creação do mundo e da origem dos deuses, que saem todos do Chaos, a fonte obscura da vida universal, (a Terra é uma divindade como o Ceo, etc.). A *Theogonia* está bem longe de poder ser considerada como a obra pura d'um só auctor.

O *Eseudo d'Hercules* não é tambem d'uma só mão; a proposito da lucta de Hercules com Cycno descreve-se o escudo em muitas particularidades interessantes para o archeologo e d'um modo que revela um intimo conhecimento da technica homérica.

d) Poesia elegiaca, jambica e epigrammatica

*Caracteres geraes.* Na poesia hesiodica o elemento pessoal apparece já, sem duvida, como dissemos, mas o elemento social e nacional dominava ainda. Com a pessoa elegiaca e jam-



bica o elemento individual ganha terreno. No começo das Olympiadas cahira a soberania dos principes, primeiro entre os jonios, depõis entre os povos do Peloponeso. As republicas aristocraticas ou democraticas vinham fechar a elaboração epica, ligada á sociedade monarchico-feudal; mas em compensação, como o jogo do individuo no estado se torna livre, a epocha da verdadeira poesia individual está aberta.

Até ao seculo VII, a. Chr., a unica forma poetica cultivada com methodo pelos poetas gregos fôra o hexametro, comquanto não se possa duvidar de que houvesse formas diferentes ligadas a diversos cultos. Então apparecem-nos na Jonia duas formas novas, a elegia e o jambo, cultivadas pelos cidadãos d'estados livres.

A palavra *elegia* (*elegeion*), como *epos*, entre os gregos, refere-se exclusivamente á forma, porque os gregos tinham o habito de classificar os generos pela forma exterior; mas a intima relação que durante os periodos organicos da litteratura grega existiu entre a forma e a materia tornam essa classificação importante. Enquanto na epopea os versos eram monotonamente eguaes em numero de pés, como convem a uma poesia narrativa, objectiva, no distichio elegiaco a cada hexametro seguia-se um pentametro, isto é, um hexametro em que se



eliminava a segunda metade breve do terceiro e do sexto pé. Com essa pequena alteração a impressão produzida pela elegia não era muito diferente da produzida pela epopea, mas um pequeno movimento lyrico estava iniciado pela opposição entre o verso mais curto e o mais longo do disticho (1).

Emquanto ao assumpto a *elegia* antiga está muito longe de ser, como se define a elegia moderna, um canto triste: é principalmente um canto de louvor, que pode ser de diferentes especies. Na *elegia* podem distinguir-se as seguintes especies principaes:

a) *elegia guerreira*, que excita a bravura no combate;

b) *elegia politica*, que desperta as virtudes civicas e leva a acções da vida publica em prol do estado;

c) *elegia sympotica*, que encarece o gozo alegre do banquete e do vinho;

d) *elegia erotica*, que canta os prazeres do amor;

e) *elegia gnomica*, que dá regras de sabedoria para a vida e aspira a suscitar a virtude;

f) *elegia funebre*, que glorifica os heroes que morreram pela patria ou celebra as virtudes d'um cidadão que morreu na paz.

(1) O nome de pentametro dado ao segundo verso do disticho elegiaco não é rigoroso, porque elle é propriamente um hexametro dicatalectico.



As elegias eram recitadas em publico, nos banquetes, e outras circumstancias, em geral pelos seus proprios auctores, quasi á maneira epica, não com acompanhamento de cithara ou de lyra, mas de flauta, que era o instrumento ligado a esse genero. Archiloco de Paros era considerado como o inventor da elegia.

O *jambo* ou *poesia jambica* era um genero constituido de rythmos jambicos ou throchaios, em que pois a thesis era igual a arsis, rythmos leves, brincados, algumas vezes quebrados com intenção. Emquanto á materia esse genero era satyrico, apodico; o poeta despenhava a sua furia contra algum ou alguns individuos, ultrapassando ás vczes os limites impostos pela decencia e pela moral. O jambo não era primitivamente o mesmo que foi depois. O jambo era uma especie de farça, repetida muitas vezes nas festas de Demeter, em que os que as celebravam insultavam e zombavam sem piedade dos que encontravam. Foi Archiloco de Paros quem fez do jambo um genero litterario individual.

Ao jambo ligon-se a *fabula d'animaes*, a *parodia* e o *choliambo* (jambo coxo), inventado por Hipponax de Epheso, o qual se distingue do jambo por ter o ultimo pé do jambo convertido em spondeu, o que lhe dava um caracter que lhe valeu o nome.



O *epigramma* era propriamente uma inscrição simples que se punha num tumulo, em que se consagrava um templo (ἐπί, sobre, γράμμα, letra). Por analogia, veio a palavra a designar mais tarde simples composições poeticas em que se exprimia um pensamento ácerca d'um objecto, ideas que se alliavam ao character d'uma inscrição. O merito do epigramma consistia em fazer conhecer d'um modo simples, mas perfeito, um objecto, impressionando o espirito. O sentido moral foi-se ligando pouco e pouco a esse genero. O metro do epigramma era o elegiaco. Os principaes poetas que cultivaram esse genero no segundo periodo foram Callino, Archiloco de Paros, Tyrteu, Solon, Simonides de Amorgos, Mimnermo, Theognis.

ARCHILOCO DE PAROS floresceu pela vigesima olympiada e distinguiu-se mais no jambo que na elegia. Possuimos assaz consideraveis fragmentos de suas composições. O espirito guerreiro apparece ainda nessas composições; mas os sentimentos pessoaes manifestam-se com maior intensidade. Na elegia manifesta a dor ou alegria da sua alma; o jambo serve-lhe de arma satyrica contra as loucuras humanas e contra seus inimigos.



CALLINO D'EPHESO é considerado ora como mais novo, ora como mais velho que Archiloco; elle representa em verdade uma phase da elegia, que deve ser considerada como mais antiga, a phase em que esse genero tem ainda uma significação geral, em que se liga ao estado, aos interesses communs, sendo simplesmente guerreira e politica. Temos d'elle só curtos fragmentos.

SIMONIDES DE AMORGOS floresceu pela 29 Olympiada. Escrevera dous livros perdidos de distichos elegiacos sobre as antiguidades de Samos; os fragmentos de seus jambos apresentam-nos uma poesia que tem por objecto as condições sociaes, a polemica pessoal, com intuitos didacticos. Temos d'elle ainda dois fragmentos d'um poema sobre os caracteres das mulheres, consideradas como tendo o seu prototypo em varios animaes.

TYRTEU, considerado geralmente como athe-niense ou aphidneo, ganhou fama entre os espartanos pela segunda guerra messenia, na Olympiada 23 (c. 680 a. Chr.); segundo uma lenda era um mestre d'eschola que os athe-nienses mandaram por zombaria aos espartanos que lhe pediam um general. As suas composições elegiacas e anapesticas, animadas de viril eloquencia, são ou politicas, em que con-



demna o estado anarchico de Esparta, ou guerreiras, em que inspira coragem aos lacedemonios.

MIMNERMO, de Colophonia, floresceu talvez pela Olympiada 37, entre os smyrnios, como tocador de flauta ou antes aulodo (poeta que se fazia acompanhar da flauta). O ponto central da sua poesia é a sua paixão pela flautista Nanno, paixão que lhe dá um caracter profundamente individual. Como fundo sobre que se desenvolve esse sentimento, apparece-nos em Mimnermo a melancholia produzida pela decadencia da Jonia, de que uma parte estava já submettida aos lydios.

SOLON, de Athenas, viveu entre as Olympiadas 35 e 55 e tornou-se celebre como poeta e como homem de estado. A sua actividade litteraria foi estreitamente ligada á sua actividade politica. Solon é o poeta d'uma civilização adeantada, serena, mas viril, chegada á consciencia dos seus proprios recursos e do seu fim; ha nelle a aspiração por uma vida alegre, expansiva, tendo por base o dever. Quando esse dever não foi cumprido Solon, o poeta e legislador complacente, torna-se um juiz severo e temivel.



HIPPONAX, de Epheso, viveu no tempo de Dario Hystaspis, e foi celebre pela sua fealdade physica, como pelo rancor dos seus versos choliambicos, em que perseguia todos os vicios da sociedade. Hipponax empregava as mais baixas expressões da linguagem, e descia ás maiores minudencias na pintura da vida. Os choliambos tiveram imitadores e mantiveram-se até tarde como forma poetica.

e) Poesia melica

*Caracteres geraes.* 1) Entre os gregos a poesia melica, o *melos* ou poesia lyrica propriamente dicta, distinguia-se dos outros generos poeticos que, segundo a classificação moderna se fazem entrar no genero lyrico, da elegia, do jambo, etc., pela sua união intima com a musica, por ser uma poesia cantada, e, na epocha do seu desenvolvimento completo, choral, com acompanhamento d'instrumentos musicaes e dansas. A musica, que acompanhava simplesmente, ou annunciava a recitação epica, elegiaca e jambica, fundia-se aqui completamente com a poesia.

2) Archiloco inventara os *epodos* que no começo eram, não estrophes, mas versos mais curtos, succedendo regularmente a versos mais compridos, como na ode epodica horaciana; foi porém um passo dado para a estro-



phe lyrica. As mais antigas poesias melicas, obra de poetas eolios, tem ainda uma construcção muito simples: são formadas por uma serie de estrophes curtas e semelhantes cantadas por um só artista que se acompanha com a lyra. A estrutura da poesia melica dorica é muito mais complexa: a uma comprida estrophe de formação complicada succedia uma outra estrophe symetrica, correspondendo aquella metro por metro e que recebia o nome de antistrophe; essas estrophes eram todas cantadas pelo choro, executando marchas e outros movimentos rythmicos, com acompanhamento de dansas. Stesichoro inventou um novo elemento da melica, o *epodo*, que não era já um verso, mas sim uma nova estrophe que o choro cantava quando voltava ao seu logar, depois de ter executado em sentido inverso na antistrophe a evolução que descrevera ao cantar a estrophe. Como a musica da melica parece estar irremediavelmente perdida, ha obscuridades invenciveis no estudo da construcção complicada da poesia melica dos dorios e seus imitadores.

3) O desenvolvimento da melica coincide com o desenvolvimento da civilisação dos dous ramos dos povos hellenicos que primeiro organisaram a sua vida social sob uma forte norma politica—os eolios e os dorios. Essa poesia revela-nos uma epocha de reflexão adiantada



em que o governo do estado é um negocio que preoccupa o espirito de todos os cidadãos livres; ella é como que um órgão da opinião publica ou individual, actuando pelo esplendor da forma sobre os espiritos; a sua materia é ministrada principalmente pela sociedade politica ou civil. A melica fez eguaes progressos, viveu e floresceu com os eolios e os dorios, em quanto esses dous ramos do povo hellenico foram productivos e sãos, mas não sobreviveu a nenhum, attingindo o seu ponto culminante na epocha da guerra persica, quando as ideas politicas e religiosas, ultrapassando os limites da cidade e da colonia, se elevaram ao nivel de factos nacionaes. Então uma outra forma, a mais completa, a mais elevada que a Grecia e a arte teem attingido até hoje surgirá—a tragedia.

4) A melica dorica distingue-se tanto pelos caracteres internos como pela forma da melica eolica, dependentes do genio dos dous ramos hellenicos. A melica eolica é inspirada pelas paixões da vida e abre aos acontecimentos pessoases um mais largo campo; a comunidade social, a riqueza das condições publicas inspiram a melica dorica. Os cantores eolios offerecem um interesse geral humano, não se achando tão ligados como os dorios pelo estado e pela religião, e o fogo da sua paixão aproxima-os muitas vezes dos modernos;



os dorios são simples, patrioticos, muito semelhantes uns aos outros; o que cantam é consagrado pela devoção e pelo amor da patria. No seu apogeo, a melica grega, porém, eleva-se a um momento em que as duas phases exclusivas até ali representadas por as duas raças se fundem num todo harmonico; a melica torna-se universal: o estado e a religião, as alegrias e tristezas da sociedade, os mythos do passado, os interesses do presente, os feitos dos governantes e cidadãos na guerra e nos jogos festivos, tudo ministra então materia á melica.

*Especies da melica.* São as principaes especies de cantos melicos as que passamos a mencionar.

1) O *pean*, que encontrámos já como um dos antigos typos poeticos dos gregos, foi pouco e pouco alargando o seu emprego e tornou-se um canto consagrado a qualquer dos deuses protectores; depois desenvolveu-se com as dansas d'armas dos cretenses, ligados com *hyporchemas* e vivos *rythmos* peonicos, uma nova forma do *pean*, o canto de batalha hellenico, com que se encetava a lucta e se festejava a victoria. Primeiramente o *pean* era acompanhado com a *cithara*, depois foi-o com a flauta, por fim com orchestra (dansa).

2) O *nomos* era um canto religioso em *rythmo* e tonalidade antigas, acompanhado de



cithara, ou tambem de flauta; era eantado em louvor dos deuses e tinha o valor de regras moraes. Depois da formação do melo antistrophico o *nomos* tornou-se uma especie antiquada, permanecendo na musica como uma expressão da melodia religiosa.

3) O *hyporchema* era um canto saido dos ehoros vivos e danças guerreiras dos cretenses, que pouco e pouco adquirira um caracter dramatico, aproveitando materia mythica, sendo acompanhado d'uma mimica enthusiastica. Foi cultivado principalmente pelos dorios. Thaletas passava pelo inventor do genero; Xenodano e outros parecem tel-o feito progredir. Pindaro e outros grandes melieos são considerados como os mestres do *hyporchema*, cujo ultimo representante foi Pratinas, que fez d'elle uma especie de farça de valor subordinado.

4) O *hymno* comprehendia composições asaz diversas; no sentido proprio era um canto em louvor da divindade eantado pelo choro com acompanhamento de dansas. Cleantho fez do hymno uma forma para a expressão de maximas e pensamentos edificativos; mais tarde o hymno tornou-se uma forma para a expressão de pensamentos moraes e philosophicos. Stesichoro foi o primeiro que tractou artisticamente este ramo da melica. É elle que nos permite determinar as variantes d'esta forma



com as suas características; taes são para a pompa publica as *prosodias* e *parthenias*, para os banquetes os *scolios*, para as festas de guerra, dos reis ou de homens notaveis e preemi- nentes, os *encomios* e *epinicios*.

5) A *prosodia* era uma especie de hymno ou pean, cantado nas procissões ou theorias, na consagração de cousas do templo ou dos pre- sentes levados á divindade, ao som de flauta e acompanhada com orchestra seria; era prin- cipalmente consagrada ao culto de Apollo, como nos mostram os trabalhos de Pindaro. Bacchylides aproveitou-a para expressão de ideias geraes.

6) A *parthenia* era uma forma da prosodia, cantada por choros de raparigas; foi cultivada por Aleman, Pindaro e outros melicos.

7) O *scolio* ou canto torcido era primeira- mente um canto de mesa, que se entoava al- ternadamente, passando de mão em mão um ramo de murta, ao som da cythara; era assim chamado on do character da melodia ou do seu rythmo amphibraehico.

8) O *encomio* era um canto em louvor d'un principe ou homem notavel. Este genero des- envolveu-se pelo tempo das guerras persicas e cultivaram-no Pindaro e Simonides; mas os mais brillhantes trechos do genero eram os *epinicios* dos mesmos mestres, cantados em honra dos vencedores nos jogos publicos e



principalmente na carreira, ou nas festas de victoria, e mais tarde nas festas commemorativas em que havia offerendas, procissões festivas e cantos choraes.

9) O *epithalamio* e *hymeneo* ou canto hymenico era uma forma tradicional, como vimos, de que Alcman, Stesichoro e Sappho fizeram uma forma litteraria.

10) Os *cantos eroticos*, relativamente pouco cultivados pelos dorios, acharam o seu periodo de esplendor entre os eolios.

11) O *threno* foi elevado por Simonides e Pindaro muito acima da sua rudez primitiva; tornou-se um canto antistrophico com acompanhamento de flauta.

12) O *epicedio* era um canto elegiaco funebre, destinado mais para a leitura do que para o canto publico.

13) O *dithyrambo*, a ultima especie de melo, ligada ao culto dionysiaco, e que abriu caminho para o drama, revestiu diversos caracteres segundo os tempos e os logares.

I. Primitivamente exprimia a alegria e agitação produzida pelo vinho, e permittia á dansa, á mimica e ao acompanhamento musical um jogo livre.

O nucleo do dithyrambo consistia então num mimo musical, em que certas figuras caracteristicas do acompanhamento de Dionyso, principalmente satyros, e um choro recordavam



d'um modo popular a historia do deus. A esse mimo ligavam-se uma dansa viva e musica agitada de flauta, segundo os rythmos da harmonia phrygia; a parte cantada reduzia-se porém a preludios tradicionaes e formulas finaes, consistindo num pequeno canto improvisado e sem estylo determinado. Não ha nenhum monumento, nem segura noticia historica d'essa primeira phase do dithyrambo.

II. ARION desenvolveu o elemento poetico do dithyrambo, fixou em 50 o numero dos choristas, que entoavam cantos choricos agrupados antistrophicamente, executando movimentos alternados com os dansantes. Attribute-se ainda a Arion a separação dos satyros e do seu canto da poesia melica do choro, dando assim um passo para o drama satyrico, que encontramos mais tarde ao lado da tragedia.

III. LASO, cerca d'um seculo depois de Arion, emquanto á *forma*, desenvolveu a musica dithyrambica pela opposição dos instrumentos, variando os rythmos; emquanto á materia alargou o campo dithyrambico além do cyclo bacchico admittindo nelle diferentes mythos.

IV. Mestres de choros dorios foram estabelecer-se na Attica, onde implantaram o dithyrambo, que ali recebe um desenvolvimento



novo da *choregia*, ou corporação dos cidadãos que faziam as despesas dos espectáculos publicos. Na Attica o ditlyrambo desvia-se inteiramente da sua materia original, saindo do cyclo bacchico para o campo dos mimos profanos, em que mythos e representações idyllicas eram tractadas a capricho, produzindo pelo esplendor do estylo e da musica um effeito theatral.

*Melicos dorios.* Os principaes são Alceu, Sappho, Ibyco e Anacreonte.

ALCEU, nobre de Mytilene, combateu valentemente contra os athenienses pela posse de Sigeo, na Olymp. 43, e concorreu para a queda do tyranno Melanctiro, tendo vivido ao que parece em repouso o resto de sua vida; o seu character clegado, viril e independente, revela-se nos fragmentos que temos de suas poesias. Compozera *stasiotica* (cantos politicos), *sympotica* (cantos de banquete) e *erotica*.

SAPPHO, de Mytilene ou d'Ereso, contemporanea de Alceu (Olymp. 38-53 ?) é a mais celebre poetisa que tem apparecido no mundo. Uma paixão seria e profunda, a admiração da belleza e da musica, o desprezo da riqueza material e de tudo quanto era baixo, um sentimento delicado da natureza davam ás suas



composições um encanto inextinguível. Temos d'ella apenas duas odes completas e varios fragmentos.

IBYCO, de Rhegio, floresceu pela Olymp. 60; foi um poeta genial, de caracter erotico, impressionavel pela natureza, empregando uma expressão nobre. Chegaram-nos d'elle apenas fragmentos.

ANACREONTE, de Teos, tendo emigrado provavelmente de sua patria quando os seus compatriotas fugindo ao jugo persa fundaram a colonia de Abdera (Olymp. 60, 540 a. Chr.), viveu depois successivamente na corte de Polycrates de Samos e na casa do atheniense Hipparcho, achando em Athenas uma favoravel posição social. Só nos restam d'elle fragmentos citados pelos antigos. A collecção a que se deu o nome de Anacreonte é apocrypha, contendo composições de epochas muito diversas; uma parte consideravel, parece ser pouco anterior ao vi seculo p. Chr.

*Melicos dorios.* Alem de Terpandro, cujo nome se liga ás origens da melica doria, mencionaremos Alcman e Stesichoro.

TERPANDRO, de Lesbos, portanto de origem eolica, era considerado como creador da me-



lica e fundador da especie lyrica (citharodica), pela sua invenção do heptacordio (lyra de sete cordas); mas as tradições que se lhe referem mal deixam transparecer nelle uma personalidade historica, cuja epocha seja determinavel, sendo incerto em qual das primeiras olympiadas este mestre da musica lesbia florescesse. Os espartanos consideravam-no como o chefe do primeiro periodo da sua musica archaica e honravam-no como um cantor da sua raça.

ALCMAN, de origem lydia, liberto, educado na casa d'um espartano, viveu segundo os chronologos entre a Olymp. 27 e 42, numa parte, pois, do seculo vii, a. Chr., quando o espirito nacional dos laconios se elevava e expandira pela guerra messenica e pelo desenvolvimento da arte musical. Temos d'elle apenas alguns fragmentos, que nos mostram que suas ideas se moviam no circulo acanhado da vida privada e das relações da sociedade domestica.

STESICORO, de Himera, viveu entre a Olympiada 37 e 56 (c. 630-550 a. Chr.), isto é, no periodo em que a melica dorica lança as suas profundas raizes, a arte eolica florece, as instituições politicas manifestam a influencia de uma reflexão madura, e a fundação das colo-



nias e as viagens maritimas veem alargar os horisontes do espirito grego e augmentar o thesouro dos mythos. Os raros fragmentos e noticias que temos de suas composições permittem-nos ainda ver que elle aproveitara a materia epica dos mythos e lhe imprimira o caracter da materia lyrica pela reflexão individual.

*Cantores da melica universal.* Os mais importantes são Simonides de Ceos e Pindaro; Bacchylides; Corinna (poetisa), Timocreon, Tellesilla e Traxilla (poetisas), Diagoras são de valor subordinado.

SIMONIDES, de Ceos, viveu entre a Olymp. 56,1 e 77,4 (556-469 a. Chr.); foi contemporaneo de successos importantes, como a guerra persica, de homens d'estado notaveis, em cuja sociedade achou impulsos para o seu espirito. Gozando uma posição independente pelos seus haveres, poude cultivar a arte despreoccupado. As suas viagens emanciparam-no de todo o ponto de vista particular de raça; mas os duzentos fragmentos que d'elle nos restam, comquanto offereçam grande riqueza de pensamentos em forma excellente, mostram que faltava ao seu auctor a profundidade, o sentimento religioso e as altas vistas sociais que caracterisam o seguinte.



PINDARO, nascido na aldeia thebana de Cynoscephalas, na Olymp. 64,3 (521), marca o ponto culminante attingido pela melica. Na sua familia a auletica (arte da flauta) era hereditaria. Laso, então o maior mestre da melopea, deu-lhe instrucção. Ainda moço, entra em *agones* ou concursos poeticos, em que teve por competidoras as poetisas Myrtis e Corinna, sendo, segundo a tradição, vencido pela ultima. A guerra persica divide ao meio a sua vida; mas a phase nova em que depois d'essas guerras entra o mundo hellenico fica-lhe estranha: Pindaro pertence pelo espirito á idade precedente, á Grecia eolo-dorica. Cultivou as mais importantes formas da melica e a sua fecundidade só foi excedida por Simonides. Só nos restam d'elle quatro livros de epinicios, formando um cyclo de cantos (*periodo*), a que só falta uma pequena parte para estar completo. A universalidade da sua poesia, tornaram a obra de Pindaro das mais lidas na Grecia; os athenienses nomearam-no hospede publico, e os habitantes de Ceos pediram-lhe uma *prosodia*, apesar de terem Simonides.

f) Começos da litteratura prosaica

*Apparecimento da prosa.* A prosa apparece nas litteraturas quando se chegou a um assaz adeantado grao de reflexão; a prosa demais



suppõe o emprego da escripta já desenvolvido porque a prosa não se transmite em geral, pela memoria, como a poesia, que o rythmo auxilia a reproduzir de cór; não se deve esquecer todavia que narrações extensas em prosa, contos populares, se transmittem ainda assim atravez dos seculos com bastante fidelidade; mas a prosa didactica necessita de ser fixada pela escripta.

Os primeiros monumentos prosaicos dos gregos foram legislações regulares. Depois do meio do seculo vi, a. Chr., formam-se entre os gregos os germens d'uma litteratura scientifica.

PHERECYDES, de Syros, que pode ser considerado como o mais antigo prosador grego, escreveu em aphorismos uma theologia especulativa.

THALES, de Mileto, e seus continuadores *Anaximandro* e *Anaximenes*, todos jonios, fundam a philosophia empirica da natureza, de accordo com as tendencias realistas da raça jonia.

PYTHAGORAS e a sua eschola, em que se revela o espirito dorico, levanta um systema de philosophia idealista, sobre concepções mathematicas.



*Primeiros ensaios historicos.* Só lentamente e tarde é que os jonios fizeram as primeiras tentativas no dominio da litteratura historica.

CADMO, de Mileto, é citado como o primeiro historiador (c. 540 a. Chr.).

HECATEO, tambem natural de Mileto, fez numerosas viagens e reuniu os resultados de suas investigações historicas e ethnographicas numa obra intitulada *A Volla do mundo*, de que nos restam fragmentos de grande valor pela sua antiguidade. Hecateo completou e corrigiu o primeiro mappa do mundo, desenhado por Anaximandro.

Sabemos ainda da existencia de outros geographos, ethnographos e historiadores d'este periodo, que, como todos os anteriores a Thucydides, são denominados *logographos*, expressão que entre os Athenienses designava, porém, todos os escriptores em prosa.

#### 4. Terceiro periodo

(DA GUERRA PERSICA ATÉ ALEXANDRE MAGNO (490-366 A. CHR.))

##### a) Caracteres d'este periodo

Neste periodo a Attica adquire a soberania intellectual da Grecia; o espirito jonio eminentemente assimilador e progressivo, acci-



tou e transformou a herança litteraria dos outros ramos da nacionalidade hellenica, e sem eliminar nenhum de seus productos, deixando subsistir a fama dos velhos mestres ao lado da dos novos, attinge a forma mais completa da arte no drama. A grande lucta contra a invasão asiatica exaltara os sentimentos nacionaes, que acharam na litteratura a sua mais adequada expressão; ao mesmo tempo as bellas-artes chegavam tambem ao mais alto grau de perfeição na esculptura e architectura. É no seculo de Pericles que se acha o ponto culminante do desenvolvimento artistico, seguido de rapida decadencia.

b) A tragedia

*Origens.* A tragedia era na essencia e organisação de origem attica, com quanto o impulso para este genero e os seus primeiros germens fossem recebidos do Peloponeso. Faltam-nos muitos elos na cadeia que liga a tragedia attica ao dithyrambo na sua forma mais desenvolvida. Nas festas do vinho de Dionyso sacrificava-se um bode, enquanto se executavam cantos e choros, chamados τραγικοί χοροί (de τραξ, τράγος, bode). Esses cantos tornaram-se a materia do τραγικός τρόπος, especie de tragedia dorica, constitnida só por choros, a tragedia lyrica, segundo a denominação moderna.



As tendencias mimicas, que existem mais ou menos desenvolvidas em todos os povos e que nos explicam o caracter mimetico que tomara o dithyrambo, determinaram a existencia de numerosos elementos dramaticos nos cultos hellenicos. Em Delphos um adolescente figurava Apollo no quadro vivo do combate contra o dragão, da fuga e da expiação que seguem. Em Samos representava-se na festa principal de Hera o casamento com Zeus. Os mysterios de Eleusis eram, ao que parece, um drama mythico em que se representava a historia de Demeter e Cora. Nas anthesterias de Athenas, festas em honra de Dionyso, a mulher do segundo archonte, que se chamava a rainha, era desposada ao deus por meio de uma solemnidade mysteriosa, e nas procissões esse mesmo deus era representado por um homem. Nessas festas, arrastados pela tendencia mimica, os que nella tomavam parte mais activa, sentindo como que a necessidade de sair de si mesmos, disfarçavam-se em satyros, punham mascaras de pau, de cascas d'arvores, cingiam-se com pelles de bode, coloriam o corpo com gesso, cebo, minio, vestiam-se imitando personagens determinados.

*Primeiros tragicos.* Nenhuns monumentos nos restam do primeiro periodo da tragedia



attica, do periodo anterior ás guerras persicas; apenas conhecemos alguns nomes a que se ligam tradições pela maior parte obscuras.

EPIGENO, segundo uma velha tradição, teria precedido em Licione os tragicos athenienses e seria o primeiro a fazer figurar na tragedia outros personagens além de Dionyso.

THESPIIS, segundo os antigos, foi o auctor do primeiro drama propriamente dicto. No tempo de Pisistrato juntou ao choro, que só admittira alternações e replicas, verdadeiros dialogos. Então apparece o actor *ὑποκριτής* de *ὑποκρίσθαι*, responder ao canto do choro, e esse actor, segundo creem varios criticos, representava successivamente diversos personagens. As dansas inventadas por Thespis eram ainda estimadas no tempo de Aristophanes pelos amadores do estylo orchestral archaico.

PHRYNICO, gozou de grande auctoridade na scena attica desde a Olympiada 67 (512 a. Chr.); não modificou o drama, como o deixara Thespis, senão pela introduccão de caracteres femininos, que, segundo os costumes antigos, eram representados por homens. O seu merito principal estava na parte musical e lyrica. Na *Conquista de Mileto* pôz em scena as desgraças



contemporaneas d'essa colonia, o que lhe valen ter que pagar uma forte multa, depois de ter commovido os espectadores.

CHERILO, foi um poeta muito fecundo que se distinguio sobretudo no drama satyrico, especie de comedia primitiva, que se achava ao lado da tragedia, e que tinha por materia aventuras de Baccho, scenas naturalistas e sobretudo o mytho d'Herceules.

PRATINAS distinguio-se tambem no drama satyrico, e era até considerado como tendo feito d'elle um genero particular pelos athenienses, aos quaes se apresentou como rival de Cherilo e Eschylo pela Olymp. 70 (500 a. Chr.).

*Os grandes tragicos.* Graças ao genio de tres grandes poetas, Eschylo, Sophocles e Euripides, a tragedia grega attinge na Attica, depois das guerras persicas, uma altura que nunca mais foi excedida. O theatro torna-se uma verdadeira instituição nacional, exercendo nos espiritos uma consideravel influencia. Segundo um costume, que tinha remotas origens, as representações offereciam o character de concursos poeticos. Depois de Euripedes a tragedia grega decahiu completamente.



ESCHYLO nasceu na aldeia atheniense de Elensis, na Olymp. 63,4 (525 a. Chr.); aos 35 annos tomou parte na batalha de Marathona e aos 45 na de Salamina; a sua vida foi consagrada á poesia, na profissão de mestre dos choros. As suas composições formavam trilogias ou todos constituídos por tres peças, com uma mesma acção, que se desenvolvia em todas ellas, mas de modo que cada parte tinha interesse independente. A cada trilogia juntava-se um drama satyrico. Dos setenta dramas que escreveu, afora os satyricos, só nos restam sete, alem de varios fragmentos; são: *Os persas*, *Septe chefes contra Thebas*, *Supplicantes*, *Prometheo agrilhado*, *Ajamemnon*, *Choe-phoras*, *Eumenides*. As tres ultimas formam uma trilogia completa. A tragedia de Eschylo é principalmente politica, patriotica e religiosa; o seu tom é sempre grandioso; o seu sentido profundo; os seus personagens representam um character geralmente transhumano.

Eschylo deu maior desenvolvimento á acção dramatica pela introduccão de dous actores em vez de um.

SOPHOCLES, nasceu no povo de Colono na Olymp. 70,4 (496 a. Chr.). Aos 16 annos foi o conductor do choro que na batalha de Salamina cantou o *pean* da victoria. Em 468 apresentou-se no concurso dramatico como adver-



sario de Eschylo e ganhou o premio. Como o seu rival mais velho, fez da poesia a occupação principal da sua longa vida. Dos cento e trinta dramas attribuidos na antiguidade a Sophocles, cento e treze eram considerados pelo grammatico Aristophanes como authenticos. Nesse numero entravam, segundo se julga, não só tragedias, mas tambem dramas satyricos. Restam-nos apenas de todas essas composições as seguintes: *Antigone*, *Electra*, *Trachinias*, *Edipo Tyranno*, *Ajaz*, *Philoctetes*, *Edipo em Colono*. Sophocles tornou completamente independentes as peças compondo cada trilogia e juntou aos dous actores do theatro d'Eschylo um novo actor. O papel do choro diminuiu de importancia pelo mais consideravel desenvolvimento dado á acção; os seus personagens adquiriram feições mais vivas, mais dramaticas. O desenho dos caracteres, a pintura das situações moraes, o jogo dos sentimentos intimos dão ao theatro de Sophocles um interesse mais geral e humano que o que desperta o theatro d'Eschylo, muito dominado pelos interesses nacionaes, por as concepções d'uma theologia morta em grande parte para nós.

EURIPIDES nasceu, segundo a tradição, no dia da batalha de Salamina (Olymp. 75, 1, 480) nessa ilha; occupou-se na sua mocidade da



athletica, mas os philosophos Anaxagoras e Prodicó deram-lhe uma direcção intellectual. Esses estudos philosophicos influiram consideravelmente nas suas composições theatraes: fizeram d'elle na essencia um pensador e estylista que se serve da tragedia como forma. Sob o ponto de vista nacional, o seu theatro representa uma verdadeira decadencia. Comparadas com as de Sophocles, ás suas composições apresentam numerosas imperfeições, taes como o desenvolvimento muitas vezes pouco artistico da acção, cujo desenlace é produzido pela intervenção abrupta d'uma divindade (*deus ex machina*), o abuso da rhetorica, a pobreza do seu lyrismo; mas, penetrando profundamente na alma humana, pondo em jogo as paixões que a agitam com vigor realistico, desenhando sobretudo com traços firmes os caracteres feminis, discutindo problemas moraes livre de todos os preconceitos nacionaes, Euripides compensa amplamente muitos dos seus defeitos. As peças que d'elle possuimos, são dezoito: *Iphigenia em Aulida*, *Iphigenia em Taurida*, *Hippolyto*, *Medeia*, *Alcestes*, *Orestes*, *Andromacha*, *Phenicias*, *Troyanas*, *Hecuba*, *Hereules furioso*, *Jon*, *Helena*, *Rheso*, *Supplicantes*, *Heraelidas*, *Bacchantes* e o drama satyrico *Cyclope*.



e) A comedia

*Origens da comedia.* Essas origens são mais obscuras que as da tragedia, mas ligavam-se como as d'esta ao culto de Dionyso, não ás leneanas, festa bacchica do inverno, mas sim ás pequenas dionysiacas ou dionysiacas campestres, festa final das vindimas, em que havia uma parte chamada *comos* ou festim. Comedia (*κωμωδία*) era o canto do *comos*, em que os convivas zombavam dos espectadores dirigindo-lhes chufas, gracejos, entregando-se ao mesmo tempo a toda a especie de folias.

SUSARION era tido pelos icarios, habitantes d'uma aldeia da Attica, como o inventor da comedia. Contavam que esse poeta tivera um desafio por um cesto de figos e um cangirão de vinho com um choro de icarios, que enfuscavam a cara com borra de vinho. Essa tradição dá-nos idea d'uma pequena acção comica em que um só actor, como na tragedia primitiva, alternava com o choro. Susarion era de Megara, que parece ter tido um papel importante no desenvolvimento da comedia; e diz-se que viveu no tempo de Solon, muito antes de Thespis. Só porém mais tarde é que nos apparecem outros poetas importantes na historia da comedia.



EPICCHARMO, dorio de Cos, estabelecido primeiro numa colonia megara na Sicilia e depois em Syracuse, é um dos elos dispersos na historia da comedia; parece ter sido elle quem fez d'esta um verdadeiro genero litterario. Nas suas composições, as divindades eram empregadas para representar na imparcialidade da allegoria mythica personagens e typos do presente.

PHORMIS foi o mais celebre dos comicos siliianos depois de Epicharmo; quasi nada, porém, sabemos d'elle.

*Divisão da historia da comedia.* A historia da comedia comprehende, alem do periodo das origens, tres phases que se chamam a comedia antiga, representada por Aristophanes a media e a nova. A ultima phase entra no quarto periodo da litteratura.

ARISTOPHANES (c. 452-392 a. Chr.), atheniense, foi o mais celebre escriptor comico da Grecia, o que nos explica como de todos os productos da comedia grega, nos seus diversos periodos, só nos ehgassem completas dez das suas composições: os *Acharnios*, os *Cavalleiros*, a *Paz*, *Lysistrato*, as *Nuvens*, as *Vespas*, a *Assembleia das mulheres*, o *Pluto*, as *Festas de Ceres*, as *Rãs*.



Essas peças revelam um poeta de genio, dotado d'uma imaginação rica, possuindo todos os recursos da technica litteraria, profundamente patriota, mas essencialmente conservador, que vê em toda a innovação na politica, na litteratura, nas crenças, nos costumes um perigo para a patria; a comedia aristophanesca adquire por isso um character politico e social que lhe dá um grande grao de elevação. Elle põe em scena personagens notaveis do seu tempo, para combater as suas tendencias pelo comico, levado muitas vezes aos ultimos limites do obsceno; mas a sua satyra não é em rigor pessoal: não persegue individuos; esses personagens são para elle apenas typos que representam partidos, dontrinas, escholas litterarias, taes como Socrates, em que elle vê um sophista, e Euripedes, que considera como corruptor do drama religioso, patriotico, social, como Eschylo o concebera. Ao lado d'esses personagens, typos da realidade, fallam, movem-se, obram as nuvens, as rãs, as aves, entidades collectivas, como o povo, e não se sabe quaes teem mais vida, tal é o poder artistico com que o poeta anima tudo.

A COMEDIA MEDIA, de que não fazemos uma idea sufficientemente clara, por causa da perda dos seus inonumentos, representa os vicios e aspectos ridiculos da sociedade, scenas da



vida ordinaria, mas não tem já character politico; a critica litteraria apparece ainda nella; o character de satyra apparentemente pessoal da comedia antiga é-lhe desconhecido, porque emprega, em vez dos personagens vivos, figuras allegoricas, entidades mythicas, representando typos da sociedade. Cultivaram esse genero, entre outros, Antiphanes, Alexis, Cratino e Timocles.

d) Historiographia

Dois escriptores de genio elevam a historia no começo do terceiro periodo a uma altura que os ensaios anteriores não permittiam prever.

HERODOTO (484, c. 406 a. Chr.), de Halicarnasso, cuja vida teve muitas peripecias, em virtude das agitações politicas do seu paiz, preparou-se para a obra que planeára por viagens no Egypto, na Asia e na Grecia europea, em que inquiriu ácerca da historia, tradições, costumes, crenças dos povos de que devia falar.

As *Historias* de Herodoto são divididas em nove livros, cada um dos quaes tem o nome d'uma das musas; abraçam a historia de todos os povos então conhecidos; mas o facto central em torno do qual os outros se conglobam



é a lucta do poder asiatico contra a Grecia. Critico e ingenuo ao mesmo tempo, aspirando só á verdade, sem pretensões d'estylo, com uma intelligencia aberta ás impressões da historia, Herodoto realisou uma obra d'arte nesses nove livros, em que trabalhou até ao fim da vida.

THUCYDIDES (cerca de 470-395 a. Chr.), de Halimunto, demo da Attica, não quiz fazer uma obra historica em que factos numerosos, bebidos em todas as fontes, viessem reunir-se em torno d'um ponto central, como na obra de Herodoto. A sua *Historia da guerra do Peloponeso* procede por uma ordem rigorosamente chronologica. A sua exposição é simples; mas a obra não é uma chronica secca: com traços sobrios, desenham-se nella os caracteres, destacam-se os factos capitaes, pronunciam-se as feições moraes dos personagens, em cujos labios Thucydides põe frequentes discursos, destinados a revelar os sentimentos que o historiador julga em acção, a exprimir d'um modo indirecto as suas reflexões sobre os acontecimentos.

Depois d'estes grandes historiadores, o mais notavel que nos offerece a Grecia no mesmo periodo é Xenophonte.

XENOPHONTE (cerca de 455-355 a. Chr.), da



Attica, foi discipulo de Socrates; cultivou diversos generos litterarios, e das obras que nos deixou uma, as *Memorias*, é consagrada á exposiçãõ das doutrinas e factos biographicos do seu grande mestre, na forma de dialogo, empregada tambem por Platão.

*Anabasis* é a obra historica capital de Xenophonte, a qual tem por assumpto a expedição de Cyro o moço na alta Asia, e a retirada dos dez mil, em que o historiador era um dos generaes, nomeados depois da morte dos primeiros chefes gregos.

*Hellenicas* é o titulo d'outra obra historica, que continua a de Thucydides.

e) A eloquencia

Muitos dos homens d'estado em Athenas distinguiam-se pelo dom da palavra, que era quasi, nos tempos mais florescentes d'aquella republica, uma condiçãõ necessaria para a vida agitada da administração politica. Pericles, sob esse ponto de vista, como sob tantos outros, occupou o primeiro lugar. Os estudos grammaticaes e rhetoricos, cultivados pelos sophistas, vieram reagir sobre essa eloquencia natural, e pela sua fusão dar origem á eloquencia artistica.

ANTIPHON (c. 480-412 a. Chr.) parecê ter sido



o primeiro cultor d'esse genero novo, que lhe valeu ser procurado para escrever discursos que outrôs recitavam. Vieram até nós quinze composições oratorias, que lhe são attribuidas e que nos mostram que na sua primeira phase a eloquencia artistica teve em mira a convicção e não a commoção; o auctor argumenta, inventa, busca pensamentos para impôr as suas theses; não agita pela paixão, pelo brilho das figuras do pensamento, não fere pela finura da ironia.

LYSIAS (n. 459 a. Chr.), depois de ter feito composições oratorias, de character artificial, cheias de combinações de puras palavras, chegou a um genero simples e nobre de eloquencia artistica, em que conseguiu conformar-se ao character de cada um dos personagens que lhe encommendavam discursos para os pronunciar publicamente.

ISOCRATES (n. 436 a. Chr.) pertence já á epocha em que a Macedonia ameaça a independencia atheniense; é elle o primeiro que, levado sem duvida, em grande parte pelas condições d'essa epocha, dá uma direcção politica á eloquencia artistica, que até ali se limitara aos panegyricos e aos processos; mas os interesses da patria não foram para elle mais do que um motivo, um thema para as suas



elaborações rhetoricas, a cujo exito deu mais importancia do que a tudo mais. Sob o ponto de vista da forma, as suas composições tornaram-se modelos, cuja influencia se estendeu até nossos dias, atravez de Demosthenes e Ciceró.

ESCHINES (393-314 a. Chr.) e seu rival Demosthenes representam o ponto culminante da eloquencia artistica atheniense. Eschines caracteriza-se pelo ardor da paixão, o movimento oratorio, a exuberancia das imagens e pela fraqueza geral da argumentação.

DEMOSTHENES (385-322 a. Chr.) é o mais completo de todos os oradores artisticos athenienses. A sua superioridade tem os seguintes caracteristicos principaes: riqueza de meios de expressão, de formas, mas riqueza dominada, não prodigalisada sem regra; a força e coherencia da argumentação, a vida, a paixão que sempre o animam, e, nos seus discursos politicos, os seus sentimentos e intuitos patrioticos, que lhes dão uma admiravel grandeza. Demosthenes, na sua tentativa de levantar a Grecia pela eloquencia contra Alexandre de Macedonia, é o ultimo grande representante das artes da palavra entre os gregos, como manifestação verdadeiramente nacional.



f) Outros generos cultivados no quarto periodo

Os gregos cultivaram neste periodo, e particularmente nos seus ultimos tempos, alguns generos cujo estudo não incumbe á historia da litteratura, considerada como conjuncto das artes da palavra, propriamente dictas; mas ainda no dominio da philosophia e da sciencia encontramos individualidades que por muitos dos seus aspectos merecem a nossa attenção sob o nosso ponto de vista: taes são PLATÃO e ARISTOTELES, dois verdadeiros escriptores, o primeiro dos quaes representa no seu mais alto grao as tendencias idealisticas do espirito grego, e o segundo organisou a encyclopedia da sciencia antiga, com admiravel vastidão de conhecimentos e largueza de vistas.

## 5. Quarto periodo

(336 A 30 A. CRM.)

a) Caracter geral d'este periodo

Vimos como se constituiram os diversos generos litterarios que os gregos transmittiram ás outras epochas litterarias como modelos perfeitos, considerados nos limites do espirito



nacional. Desde o momento em que esse espirito se prosta, desde o momento em que a Grecia, por causas que a historia propriamente dicta investiga, não tem já condições de existencia independente, a litteratura decae necessariamente, a sua significação nacional desaparece, os seus productos teem um valor puramente individual.

No começo d'este periodo a comedia attinge uma ultima phase, ainda importante em si e pela sua influencia futura; mas todos os outros grandes ramos da poesia ficam reduzidos a meras producções artificiaes; na Sicilia desenvolve-se com certo brilho o genero bucolico; os estudos da critica litteraria, os estudos scientificos propriamente dictos desenvolvem-se notavelmente na eschola de Alexandria.

b) A comedia nova

A comedia nova corresponde a uma phase social em que os grandes interesses politicos desapareceram e ficaram os pequenos interesses da vida quotidiana e domestica; torna-se então comedia de acção e de caracteres, buscando o nucleo num enredo em geral assaz simples, e na pintura de certos typos geraes da sociedade, como o *Supersticioso*, o *Inimigo das mulheres*, o *Soldado fanfarrão*, o *Lisongeiro*.



MENANDRO (342-290 a. Chr.), natural de Athenas, é o auctor mais importante que figura nessa phase nova da comedia; não temos senão fragmentos de suas composições, que consistem pela maior parte em sentenças citadas por diversos escriptores; nem sequer uma scena completa chegou até nós; mas, pelas imitações das obras d'esse auctor feitas em Roma, por indicações diversas, e combinações, faz-se uma ideia aproximada do seu character e merito.

c) Poesia bucolica e siciliana

Segundo a tradição da antiguidade, as origens do genero bucolico ligavam-se ao culto da Artemis dorica, que era principalmente venerada em Tyndaris, cidade da Sicilia, sede de uma importantissima colonia dos dorios. Sob a protecção da deusa havia corporações de pastores, que se sentiam com veia poetica, denominados lydiastas ou bucolistas, que, em occasiões festivas, entoavam cantos de desafio (*carmina amoebaea*). Entre os caracteristicos formaes d'essas composições havia o *estribilho* repetido e a *assonancia*.

THEOCRITO (floresceu c. 260-50 a. Chr.), natural de Syracusa, foi o primeiro que converteu esses cantos pastoris num genero littera-



rio em que elle se distingue de quasi todos os poetas do genero que se seguiram, pela verdade e arte com que reflecte a vida e sentimentos do povo, enquanto os outros bucolistas se servem em geral da mesma forma para exprimir sentimentos, situações puramente pessoasas. Restam-nos de Theocrito trinta composições a que se tem dado o nome generico de *idyllios*, mas que se dividem rigorosamente em diversas e bem distinctas classes; uma d'ellas é um *mimo*, dialogo comico de duas mulheres do povo, outras são poesias eroticas em estylo elevado, episodios de mythos heroicos, pequenas epopeas. Onze composições, porém, constituem verdadeiros pequenos dramas bucolicos.

d) Eschola d'Alexandria

O gosto pelas letras que caracterizou os Ptolomeus torna a Alexandria o centro d'um importante movimento intellectual, em que a investigação e a analyse excluem a invenção e a criação artistica. Em verdade os alexandrinios cultivaram todos os generos de litteratura que acharam constituidos, mas como eruditos que escrevem, por assim dizer, numa lingua morta.

As elegias, epigrammas e hymnos de Callimacho e as *Argonauticas* de Apollonio Rhodio



offerecem apenas interesse aos archeologos; litterariamente consideradas, são meros productos artificiaes.

Os trabalhos d'erudição e sciencia formam a verdadeira gloria dos alexandrinos; mencionaremos entre esses a organização do celebre *canon* ou corpo dos classicos gregos, os trabalhos criticos de recensão dos poemas homericos, a que anda ligado principalmente o nome de Aristarcho, a traducção da Biblia hebraica por setenta escriptores, o que lhe faz dar o nome de Biblia dos Setenta, e a geometria de Euclides.

e) Escriptores diversos

POLYBIO (c. 205-122 a. Chr.), natural de Megalopis na Arcadia, mostra-nos já a lingua e litteratura grega ao serviço de Roma, de que a Grecia se torna uma provincia romana. Filho de um dos chefes da liga achaica, levado para Roma como refens, elle explica aos seus compatriotas escravizados, na *Historia geral*, como essa pequena nação do Lacio caminha para a conquista do mundo e é assim um dos elos de transição da litteratura grega para a romana. Valiosa como estudo historico, a obra de Polybio não é um monumento d'arte.



STRABÃO (c. 50 a. Chr.) foi o maior geographo da antiguidade, dotado d'um notavel espirito scientifico e enriquecido por uma vasta erudição.

## 6. Ultimos periodos

Mencionaremos apenas entre os escriptores d'esses periodos, cujo estudo pertence muito mais á erudição propriamente dicta do que á historia da litteratura sob o ponto de vista que nos preoccupa, um que indica, por assim dizer, a morte completa do espirito hellenico.

LUCIANO (epocha de Trajano, de Adriano e dos Antoninos), natural de Samosata, na Syria, polygrapho e sobretudo moralista, manifesta um scepticismo completo a respeito das velhas divindades gregas, que são tractadas com extrema irreverencia nos seus escriptos.

As suas obras numerosas offerecem-nos os productos d'um espirito muito instruido, engenheiro, moralista.



*[Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page]*



## SECÇÃO II

---

### LITTERATURA ROMANA

---

#### 1. Preliminares

##### a) Origem e caracter dos romanos

Os romanos pertenciam, como os gregos, á grande familia dos povos indo-europeus; mas o seu espirito apresenta caracteristicos muito distinctos. A viveza de phantasia, a mobilidade de espirito; o amor da forma que caracterisaram os hellenos, faltaram aos romanos, em que se encontram, como compensação, a sobriedade e agudeza do pensamento, a firmeza e constancia da vontade. O util, o pratico era o fim dos seus esforços e não o bello e a especulação philosophica. No dominio do estado



e do direito essas qualidades levaram os romanos a organizar um grande imperio, com o mais maravilhoso systema administrativo de que a historia nos offerece exemplo, e á creação dos codigos juridicos que se tornaram a base do direito moderno; no dominio da litteratura, da sciencia e da philosophia deram-lhes um logar subordinado, tornando-os simples discipulos dos gregos.

b) A religião romana

A religião romana está de accordo com esse character fundamental do povo: as divindades tem uma feição abstracta, multiplicando-se por isso indefinidamente, porque um attributo, um nome se torna um deus, sem que a significação do deus tenha maior comprehensão que a que lhe dá esse nome; assim Janus e Diana, Jupiter e Juno são simplesmente os celestes, as celestes. Os mythos, as lendas divinas ou heroicas dos romanos são por isso pouco numerosos e pobres de desenvolvimento poetico. As cerimoniaes do culto, ao contrario, tomaram uma grande extensão entre elles; formas metrificadas extremamente simples acompanhavam as praticas religiosas, com que o povo implorava ou agradecia a intervenção dos seus deuses. Só por influencia dos povos visinhos e principalmente dos gre-



gos é que o caracter fundamental da religião romana, tão pouco favoravel á cultura poetica, se veiu a alterar. As divindades romanas foram confundidas ou identificadas com as d'esses povos e as suas lendas attribuidas ás divindades nacionaes.

c) Origens litterarias de Roma

I. Até Livio Andronico (240 a. Chr.), de que data o estabelecimento definitivo da influencia litteraria da Grecia em Roma, os romanos não tiveram uma litteratura propriamente dicta. Desde tempos muito antigos, numa epocha que, porém, é impossivel determinar, por intermedio da colonia grega de Cumas, na Campania, introduzira-se no Lacio o uso do alphabeto na sua forma dorica (1); mas durante seculos só se empregou a escripta nas moedas, inscrições, documentos legislativos, rituaes e outros escriptos das corporações religiosas, como calendarios, fastos, listas chronologicas dos pontifices, chronicas de familia, emfim documentos em geral com caracter de registos destinados a fins utilitarios. Em verdade, as formas litterarias estavam bem longe de ser excluidas completamente de alguns d'esses documentos: muitas vezes a linguagem

(1) Segundo uns depois do tempo dos Tarquinius, segundo outros em tempos mais remotos.



d'elles tornava-se solemne, rythmada, o que se dava principalmente nas inscripções; esse rythmo era o do *verso saturnino*.

O *verso saturnino* era o verso nacional italiano, construido de modo assaz livre, que faz com que não seja possivel reduzir a regras communs os vestigios que d'elle nos ficaram. O principio geral que se observava nelle é a divisão em duas partes, uma com rythmo ascendente, outra com rythmo descendente. A alliteração vinha compensar o que faltava de caracterisação a esse verso.

II. Os materiaes principalmente empregados para a escripta nos mais antigos tempos de Roma foram a pedra, o bronze e o linho.

As mais antigas inscripções de que temos conhecimento directo, são:

1) As dos tumulos de L. Cornelius Cn. f. Scipio (Cons. em 298 a. Chr.) e seu filho L. Cornelius L. f. Scipio (Cons. em 259 a. Chr.) e o elogio do ultimo em saturninos.

2) Varias de Fourio e Preneste, dous fragmentos d'um senatus-consulta, que se supõem remontar ao v seculo da cidade (354-254 a. Chr.).

A inscripção da columna rostrada de Roma levantada a C. Duilio pela sua victoria sobre Carthago (260 a. Chr.), foi reformada e augmentada no tempo de Claudio por algum an-



tiquario, que quiz imitar as velhas formas da lingua; não temos, pois, nella um documento authentico, como julgaram muitos escriptores.

III. Todas as composições em verso saturnino, anteriores a Livio Andronico, eram monumentos da poesia nacional romana. Ao lado da corrente artistica devida á influencia helênica, mantiveram-se alguns generos populares, que nós podemos considerar como tendo existido no mais antigo periodo de Roma, comquanto as noticias que se referem a esses generos decorram de epochas mais recentes; taes são:

1) Os cantos triumphaes (*carmina triumphalia*) que os soldados dirigiam ao general vencedor e em que os louvores se misturavam com zombarias e insultos; eram cantados alternadamente;

2) *Cantos do trabalho agricola*;

3) *Cantos de berço*;

4) *Cantos d'amor*;

5) *Cantos dos jogos dos rapazes*;

6) *Adagios, proverbios, aphorismos meteorologicos*;

7) *Esconjuros, cantos magicos*, para desviar males, curar doenças;

8) *Cantos em louvor dos mortos (neniae)*, que eram entoados ao som da tibia, quer por



ocasião dos enterros, quer em ocasiões festivas por grupos de rapazes ou de adultos.

Todos ou quasi todos esses generos se encontram ainda hoje em muitos povos da Europa.

Em virtude da pobreza das suas concepções mythicas, faltava aos romanos uma poesia mytho-epica popular que podesse servir de base ao desenvolvimento da epopea.

IV. Não faltaram, porém, aos romanos outros elementos populares que poderiam servir de base a uma litteratura verdadeiramente nacional; alem dos generos já mencionados, havia entre os povos italicos desde antigos tempos elementos consideraveis do genero dramatico, sobretudo da comedia, que se casava melhor com o seu espirito pratico, observador e satyrico. Os cantos alternados, os versos satyricos e os cantos d'improviso eram os elementos mais rudimentares do drama italico; mas ao lado d'elles havia velhos typos dramaticos já assaz bem definidos; taes eram:

1) As *fescenninas*, assim chamadas de Fescennio, logar do-sul da Etruria, mas communs a toda a Italia central; eram parte de divertimentos campestres, principalmente de festas de boda, constando de versos de zombaria, cantados alternadamente, ligados provavelmente a uma pequena acção;

1929



2) *As saturas*, cantos ou narrações comicas com que a mocidade do Lacio acompanhava danças gesticulando ao som da tibia;

3) *As atellanas* (*Atellanae fabulae*), assim chamadas do pequeno lugar campestre Atella na Campania; eram representações comicas dos typos da aldeia, tornados fixos e designados por nomes invariaveis, como Maccus, Bucco, Pappus, Dossennus, a que mais tarde se juntaram outros como Manducus, Mania, Lamia, Pytho, representações que depois da sujeição da Campania a Roma (211 a. Chr.) passaram para esta e em breve se tornaram populares.

d) Divisão em periodos

Dividimos a historia da litteratura romana em tres periodos determinados pelo grau de perfeição dos seus monumentos considerados no todo para cada periodo. Essa perfeição respeita ao lado formal e á significação nacional dos productos da litteratura romana.

*Primeiro periodo* ou *periodo ante-classico*; vae de Livio Andronico (240 a. Chr.) até á epocha de Sulla.

*Segundo periodo* ou *periodo classico*; vae da epocha de Sulla até á morte de Augusto. Subdivide-se em duas epochas:



*Primeira epocha* ou *epocha de Cicero*, caracterisada principalmente pela perfeição dos generos prosaicos;

*Segunda epocha* ou *epocha d'Augusto*, caracterisada principalmente pela perfeição dos generos poeticos.

*Terceiro periodo* ou *periodo post-classico*; vae de Augusto até á queda do imperio do occidente. Subdivide-se em duas epochas:

*Primeira epocha*: vae de Augusto a Adriano; é caracterisada por escriptores que apresentam ao lado de muitos caracteristicos classicos já signaes de decadencia;

*Segunda epocha*: vae de Adriano até Augustulo; é caracterisada pela decadencia em geral crescente da litteratura pagã, com algumas reacções e apparecimento de notaveis escriptores christãos.

#### OBSERVAÇÕES

1. Por litteratura romana entendemos a litteratura do imperio romano, que acabou com Augustulo, não a litteratura latina, que lhe sobrevive e será cultivada ainda com exito posteriormente, e sobretudo no seculo xvi.

2. Na litteratura grega consideramos o periodo das origens como o primeiro periodo, comquanto d'elle não tenhamos monumentos directos, porque os periodos immediatos estão essencialmente ligados a esse e porque



tambem o segundo periodo nos é representado apenas por fragmentos, embora consideraveis, dos seus ramos litterarios; mas como a litteratura romana tal como ella se desenvolveu sob a acção da Grecia, data realmente de Livio Andronico, como os elementos anteriores foram pouco aproveitados, pode proceder-se á divisão da historia da litteratura romana de modo diverso do que se procedeu para a grega.

3. Limitamo-nos nos capitulos seguintes a mencionar os auctores mais importantes de cada periodo.

## 2. Primeiro periodo

(240-84 A. CHR.)

a) Poetas

LIVIO ANDRONICO (cerca de 384 a 204 a. Chr.) foi para Roma como prisioneiro pela tomada de Tarento, d'onde era natural; alcançou alforria e viveu de suas lições de grego e latim. Traduziu a *Odyssea* em versos saturninos. Escrevia peças em grego e traduzia-as para latim; foi no anno 240 a. Chr., que se representou a primeira d'essas composições, que eram já do genero tragico como *Achilles*, *Aegisthus*, *Andromeda*, *Equus Troianus*, já comedias como *Gladiolus*, *Ludius*. Restam-nos só fragmentos de suas composições.

CNEO NEVIO, de nação latino, produziu composições dramaticas entre 235 e 199 a. Chr.,



anno em que morreu. Essas composições tinham muitos elementos nacionaes. Temos fragmentos de algumas d'essas composições, assim como da sua epopea nacional sobre a primeira guerra punica em versos saturninos. Foi o inventor da pretexta, especie de tragedia com assumpto tirado da historia nacional.

F. MACCIO PLAUTO (254-184 a. Chr.) foi o mais notavel comico romano. Nasceu na Umbria, de humillima geração, e viveu sempre em desfavoraveis circumstancias. Restam-nos de elle vinte comedias; taes são: o *Amphitrião* (*Amphilruo*), imitado frequentes vezes nos tempos modernos, entre outros por Camões e Molière, os *Menechmos* (*Menuechmi*), imitado por Shakspeare, grande poeta dramatico inglez, o *Soldado fanfarrão* (*Miles gloriosus*). Comquanto imitador do theatro grego no assumpto e contextura das suas peças, Plauto revela muita originalidade e caracteristicos nacionaes nas particularidades; o seu comico é, porém, muitas vezes grosseiramente realistico.

Q. ENNIO (239-169 a. Chr.), natural de Rudia na Calabria, viveu em Roma do ensino do grego e de suas traducções de peças do theatro grego, principalmente de Euripides, para latim. A obra que lhe deu mais fama foi a sua



epopea ou antes chronica metrificada *Os Annaes (Annales)*, em que tractava chronologicamente da historia romana desde o advento de Eneas á Italia até ao seu tempo. Nessa obra adoptou, em vez do velho saturnino nacional, o hexametro.

PUBLIO TERENCEIO (185-159 a. Chr.), natural de Carthago, foi para Roma como escravo, onde o seu senhor lhe deu a educação de homem livre e bem depressa a liberdade. Escreveu seis comedias que foram todas conservadas e são: *Andria*, *Eunuchus*, *Heautontimorumenos* (O carrasco de si mesmo), *Phormio*, *Hecyra* e *Adelphi*. Terencio é um escriptor muito correcto, que segue fielmente os seus modelos gregos. As suas peças não teem a vivacidade, o movimento e variedade das de Plauto, mas estão livres dos excessos que se encontram nas do seu predecessor.

C. LUCILIO (m. 103 a Chr.) tornou-se notavel pelas suas composições mixtas (*Saturae*), em que sujeitou a uma critica corajosa a sua epocha, quer pelo lado moral, quer pelo lado politico e litterario. Restam-nos d'elle só fragmentos.

L. ACCIO (170-94) ganhou fama como auctor de tragedias, imitadas do theatro grego. Tra-



ctou tambem assumptos nacionaes em pretextas e escreveu composições metricas de genero didactico.

b) Prosadores

Q. FABIO PICTOR (nasc. c. 254 a. Chr.), historiador, é o mais antigo e importante dos escriptores romanos que se serviram ainda da lingua grega. A sua historia ia desde Eneas até á sua epocha, que era tractada desenvolvidamente. O grego Polybio e o romano Tito Livio aproveitaram-se para as suas obras historicas do trabalho de F. Pictor.

M. PORCIO CATÃO (234-194 a. Chr.) é o escriptor que melhor apresenta os caracteristicos d'um velho romano: a energia, a firmeza, por vezes a velhacaria, penetração para as cousas praticas, sem elevação especulativa. Deve ser considerado como o primeiro prosaista propriamente dicto dos romanos. Infelizmente a sua obra capital, *Origines*, em que tractava da ethnographia e civilização dos povos italicos, não chegou até nós; possuimos d'elle apenas completa a obra *de re rustica*, tractado importante de agricultura; dos seus outros productos litterarios, taes como discursos, temos apenas noticias e fragmentos.



GAIO GRACCHIO tornou-se notavel pela sua ardente eloquencia na epocha a que elle com seu irmão dão o nome (134-119 a. Chr.). Na lucta dos partidos a arte da palavra achou uma occasião propicia para se desenvolver. Tiberio Graccho foi inferior nos dotes oratorios a Gaio, de cujos discursos nos restam apenas fragmentos.

NOVIO e L. POMONIO (entre 104 e 84 a. Chr.) converteram as atellanas de genero popular em genero litterario. Nos fragmentos que nos restam das composições d'esses dois auctores revela-se uma profunda decadencia até nos costumes das classes populares.

RHETORICA AD C. HERENNIUM é o titulo d'um tractado completo de rhetorica da epocha de Sulla, fundado sobre os tractados gregos, mas accommodado ao caracter e tendencias da oratoria nacional, que se encontra em edições modernas das obras de Cicero, mas cujo auctor é na realidade desconhecido, comquanto seja attribuido com probabilidade a CORNIFICIO.



## 2. Segundo periodo

### a) Primeira epocha

M. TERENCEIO VARRÃO (116 27 a. Chr.), natural da cidade sabinica de Reate, de familia senatorial, dedicou-se cedo aos estudos litterarios, mas não desprezou as dignidades da carreira publica. Foi empregado por Pompeu em cargos publicos que exigiam confiança e solidez. Na guerra civil esteve do lado contrario a Cesar, que, porém, depois foi generoso, encarregando Varrão de organizar a bibliotheca publica de Roma. Foi perseguido por Antonio, obrigado a exilar-se e quando, caidos os seus inimigos, lhe foi permittido voltar, achou suas propriedades devastadas, os seus livros dispersos, as suas antiguidades preciosas roubadas. Augusto levou a effeito, e em vastas proporções, o plano da bibliotheca publica concebido por Cesar, sendo a direcção d'ella confiada a Varrão, que ali trabalhou e escreveu até á sua morte aos noventa annos de idade.

Varrão foi o mais notavel polygrapho romano. Sabe-se que escreveu 74 obras, divididas em 620 livros, em todos ou quasi todos os generos litterarios. A collecção mais importante em verso era das *Saturae Menippeae*; em prosa as obras mais notaveis eram *Antiquitates re-*



*rum humanarum et divinarum, De lingua latina, Disciplinarum libri e Imagines* (biographias). Infelizmente só chegaram até nós de Varrão, além de pequenos fragmentos, os escriptos seguintes:

1) *De lingua latina*, 6 livros dos 25 que continha a obra, a primeira do seu genero entre os romanos, cujos trabalhos sobre a lingua até então se reduziam á interpretação dos auctores, a notas sobre palavras e phrases de Nevio, Ennio, Plauto, etc., mais criticas e historico-litterarias que grammaticas.

2) *Rerum rustiearum libri tres*, tractado de agricultura, com uma forma litteraria elevada e animada.

Q. HORTENSIO HORTALO (114-50 a. Chr.) foi o orador de mais nomeada d'estes tempos antes de Cicero. Tinha uma grande memoria e uma exposição cheia de artificio com que impressionava o publico. Além dos seus discursos, de que nenhum chegou até nós, redigiu annaes e poesias eroticas.

M. TULLIO CICERO (106-43 a. Chr.), filho de um cavalleiro romano, apresentou-se como orador pela primeira vez na epocha da dictadura de Sulla; viajou na Grecia e Asia Menor para completar a sua educação litteraria e seguiu o *cursus honorum* até ao consulado, a que



chegou em 63. Depois de ter dominado a conjuração de Catilina foi obrigado pelo partido inimigo a exilar-se. Alguns annos depois, empenhada a lucta entre Cesar e o partido do senado, que tinha por chefe Pompeu, Cicero poz-se do lado d'este. Depois da victoria alcançada por Cesar em Pharsalia, esperou a permissão do vencedor para voltar para Roma applicando o ocio da vida politica aos trabalhos litterarios. O assassinio de Cesar e as pretensões de Antonio (44 a. Chr.) chamaram de novo Cicero á vida politica, combatendo o ultimo nos seus discursos. Depois da paz feita entre Octavio e Antonio, Cicero é sacrificado por o primeiro ao odio do segundo e de sua mulher Fulvia.

Cicero representa do modo mais completo a fusão do espirito hellenico com o romano. As suas aspirações eram nobres, mas o seu caracter fraco. Como orador tinha as mais elevadas qualidades de composição, mas faltava-lhe em publico o dominio sobre si mesmo. Espirito curioso, sempre activo, tendia para a polygraphia; mas a sua pratica de orador reflectido e suas tendencias para a observação moral faziam concentrar a sua actividade principalmente nos estudos rhetoricos e philosophicos, que a principio elle considerou só como um meio de educação oratoria; os escriptos mais importantes que d'elle possuímos são por isso



os seus discursos, os tractados sobre rhetorica e as obras philosophicas. Cicero foi o creador d'uma prosa latina por assim dizer typica que foi considerada por longos seculos como modelo unico. O dominio que tinha sobre a forma, a sua facilidade extraordinaria de redacção, arrastavam-no a tractar de assumptos mal estudados e dar muitas vezes palavras por factos ou ideias, a seguir na sua argumentação uma direcção falsissima.

A vasta actividade litteraria de Cicero é-nos attestada por um grande numero de obras em parte conservadas, em parte mencionadas nessas ou nas de outros auctores.

1) *Diseursos*: conservaram-se 57, além de fragmentos de 20; entre elles são sobretudo afamados os 6 contra Verres (d'onde a expressão *verrina* por discurso, escripto virulento contra alguém); os 4 contra L. Catalina (d'onde a expressão *catalinaria*), e os 14 contra Antonio (*Philippicae*), especialmente o segundo;

2) *As principaes obras de rhetorica* são: *Rhetorica*, *De oratore* e *Brutus* (historia da eloquencia entre os romanos); nellas mostrou-se Cicero discipulo dos gregos e buscou, não desenvolver a theoria da eloquencia, mas popularisal-a, com o intuito de tornar manifesto o logar que occupa como orador e defender a sua pratica e doutrina contra todos os ataques;

3) *Quatro colleções de cartas* contendo 864



peças, entre as quaes 90 dirigidas a Cicero, chegaram até nós;

4) *Esriptos philosophicos*: sabemos que Cicero escreveu ou traduziu do grego 20 obras sobre moral, philosophia theorica e religião, de que a maior parte vieram até ao presente;

5) *Esriptos juridicos e historicos*: tambem neste dominio se exercera a actividade de Cicero, comquanto apenas nesses generos sabemos que escrevesse um escripto *de jure civili in artem redigendo* e um commentario do seu consulado;

6) *Poesia*: tambem tentou este dominio o grande orador roinano, mas sem felicidade.

C. JULIO CESAR (100-44 a. Chr.), o celebre estadista e general, foi tambem um notavel escriptor. Espirito positivo e fechado a todas as instigações da phantasia, a linguagem para ella era um instrumento empregado com severidade, mas que devia ser dominado. Os seus estudos grammaticaes e escriptos poeticos tinham só em mira alcançar esse dominio. A oratoria para elle só servia para os seus fins politicos immediatos. Ainda como historiador, nos seus *Commentarios*, a unica obra que d'elle nos foi conservada, o fim politico, a defesa da sua personalidade são o centro para que tudo converge; mas com grande arte os factos são apresentados ou calados, a verdade



é respeitada tanto quanto possível de modo que esse fim está como que disfarçado. A obra tem um character intermedio entre o de um memorial em que os factos se agglomeram chronologicamente e o de um escripto historico acurado. Ha nos *Commentarios* preciosissimas noticias ethnologicas, principalmente com relação aos povos da Gallia que lhes dão um valor inextimavel. Cesar não pode, porém, ser considerado como tendo as qualidades que constituem um escriptor de primeira ordem.

CORNELIO NEPOS (*Cornelius Nepos*) (94-24 a. Chr.) é um escriptor de valor secundario, que produziu poesias eroticas, e obras historicas e principalmente biographicas, de que nos foram conservadas algumas: o livro *de duobus excellentibus exterorum gentium* e as vidas de Catão e Attico. Carece de critica historica e o seu estylo é imperfeito.

T. LUCRECIO CARO (98-55 a. Chr., segundo se crê) escreveu em seis livros o seu poema *Da natureza (de rerum natura)*, em que expõe as doutrinas de Epicuro, com relação á phisica, psychologia e ethnica. Apesar d'um assumpto tão secco, Lucrecio revela faculdades poeticas superiores; o espirito de combate contra a superstição anima essa obra, que seu auctor não deixou completa.



C. SALLUSTIO CRISPO (87-34 a. Chr.) escreveu *Historiae* em cinco livros, de que só restam fragmentos, e duas monographias, uma sobre *Catalina*, outra sobre *Jugurtha*, que vieram até nós e tem assaz consideravel valor historico: Sallustio busca desenhar psychologicamente os individuos e tem gosto pela exposição rhetorica, tentando, sem o conseguir, tractar o seu assumpto com imparcialidade. Foi o primeiro historiador propriamente dicto dos romanos e tomou por modelo Thucydides.

C. VALERIO CATULLO (87-54 a. Chr.) é, pela energia do seu sentimento, que se manifesta numa forma adequadamente brilhante e vigorosa, pela verdade completa com que manifesta a sua forte individualidade, o primeiro lyrico de toda a litteratura romana. No começo imitador dos alexandrinos, achou em breve o seu proprio caminho e, sem cair em combinações artificiosas, manejou com a maior facilidade variadissimas formas métricas. A sua morte precoce obstou a que attingisse uma completa perfeição artistica.

Temos de Catullo 116 composições, algumas simples distichos. Parte, como o poema em hexametros sobre as bodas de Peleu e Thetis, são traducção ou imitação dos alexandrinos. É nos metros propriamente lyricos e elegiacos



que o poeta apparece com todas as suas qualidades.

b) Segunda epocha

P. VERGILIO MARÃO (70-19 a. Chr.) nasceu em Andes, perto de Mantua, na Gallia cisalpina, de parentes que de pobres tinham chegado a uma assaz abastada posição; recebeu uma educação tão esmerada quanto era possível no seu tempo, aprendendo tudo o que então era possível aprender. Depois da victoria de Philippos, a propriedade rural de Virgilio foi incluída entre as terras distribuídas aos veteranos por Octavio; o poeta foi a Roma onde por intervenção de amigos influentes conseguiu recuperar a posse de seu patrimonio (Egloga 1). Desde então Vergilio viveu ora em Roma ora na Campania (em Napoles), em circumstancias exteriores commodas, mas padecendo muito pela fraqueza de sua constituição.

Depois de ter concluído as *Bucolicas* (41-39 a. Chr.) e as *Georgicas* (37-30) e ter muito adiantada a *Eneida* (desde 29), empreendeu Vergilio uma viagem á Grecia e Asia, afim de se habilitar completamente para redigir a sua epopea; mas a instancias de Augusto, estando em Athenas, voltou para a Italia e morreu em Brundisio de uma doença que o accommettera na viagem.



Vergilio tinha um caracter amavel, infantil, doce, modesto; animavam-no aspirações ideaes, e faltava-lhe inteiramente a capacidade pratica. O encanto das suas obras está na commoção intima que tantas vezes nellas se revela, e que não se manifestou d'um modo lyrico, porque a individualidade do poeta não era assaz caracterisada para que elle fosse um lyrico.

O seu lyrismo está por assim dizer latente; elle carece d'um assumpto exterior para o manifestar; falta-lhe a força genial para produzir uma obra artistica completa, uma criação sua e é levado a tractar assumptos oppositos ao caracter do seu espirito. Com seus conhecimentos encyclopedicos, com seu estudo de todos os escriptores romanos, com seu genio paciente, que lhe permittia gastar oito dias a limar um verso, Vergilio deu á litteratura latina os productos d'arte mais reflectidos que ella nos apresenta; por isso as suas obras foram consideradas como os mais perfeitos modelos para o estylo poetico dos romanos. Temos de Virgilio:

1) *Bucolica*, 10 eclogas, imitações e em parte traducções de Theocrito, mas com allusões a factos e personagens da epocha do poeta latino, de modo que o caracter bucolico fica reduzido só ás formas; formam ao todo 728 versos, em que Vergilio gastou cerca de tres annos.



2) *Georgica*; é um poema didactico, tendo por objecto a agricultura, em quatro livros, do qual o primeiro se occupa da lavoura, o segundo da cultura das arvores, o terceiro da zootecnia, e o quarto da agricultura. Era de todos os assumptos tractados por Vergilio o mais adaptado ao character da sua alma, em que havia uma predilecção sentimental pelos trabalhos campestres e aos seus conhecimentos, que achavam na agricultura uma applicação.

Vergilio animou o assumpto com um espirito poetico e tractou-o com tal cuidado e amor que essa obra é considerada não só como a mais perfeita das que nos deixou, mas ainda como o mais completo producto da poesia erudita romana.

3) *Aeneis*, poema epico, incompleto, tendo por assumpto a fundação do reino do Lacio, por o troiano Eneas, escapado da destruição de Ilium. Vergilio estudara cuidadosamente as tradições italicas e a epopea grega e fundiu esses dados diversos no seu poema, em que as partes mais valiosas são as que contem descrições dos movimentos da alma.

4) Algumas pequenas composições como *Culex*, *Ciris*, *Moretum*, *Copa*, *Catalecta*, que com mais ou menos razão são attribuidas a Vergilio (1).

(1) Sobre a influencia de Virgilio na Edade media vid. Secção III.



Q. HORACIO FLACCO (65-8 a Chr.), filho d'um liberto, estudou em Roma e Athenas. Foi do partido de M. Bruto, que o nomeou tribuno militar e o levou á Asia e Macedonia, até que a batalha de Philippos poz fim á sua carreira no exercito. Aproveitou-se da amnistia e voltou a Roma, onde, tendo perdido a herança paterna com a divisão das terras pelos veteranos, comprou um logar de escrevente do thesouro. Supprimido, em virtude de medidas economicas, esse logar por Augusto, restava-lhe uma pequena propriedade na Sabinia, que lhe fôra dada por Mecenas e onde elle passou grande parte da vida na sua gabada *aurea mediocritate*.

Horacio tinha um espirito digno, independente; adoptava os principios da moral epicuristica, mas com moderação. Fiel e condescendente para os amigos, era duro para os inimigos. A sua poesia é eminentemente artistica pelo lado formal, serena, clara; mas não revela profundidade de sentimento, nem aspirações ideaes; é o producto reflectido d'um espirito que se domina.

Temos d'elle:

1) Dezoito satyras, o primeiro genero litterario que cultivou;

2) Sete *epodos*, composições do genero semelhante ao das satyras, em que ha imitação independente de Archilochos;



3) Quatro livros de *odes* (*carmina*), em que elle se mostra discipulo de Sappho e Alceu;

4) *Carmen seculare*;

5) Vinte e tres epistolas, entre as quaes a celebre epistola aos Pisões (*ad Pisones*), que constitue um tractado da arte poetica.

ALBIO TIBULLO (54-19 a. Chr.) foi um poeta elegiaco, imitador dos alexandrinos, mas que antepunha o sentimento á erudição.

SEXTO PROPERCIO (49-15 a. Chr.) foi, como Tibullo, poeta elegiaco e cantor do amor, mas as suas composições estão mais carregadas de erudição mythologica e são frequentemente obscuras.

P. OVIDIO NASÃO (43 a. Chr., 16 E. Chr.), natural de Sulmona é, emquanto ás qualidades geniaes e ao character, muito inferior aos outros grandes poetas do periodo classico. Exilado por Augusto, não se sabe por que motivo, implorou sem dignidade o perdão. O seu talento era sobretudo formal, comprazendo-se nas composições rhetoricas, sem ideal elevado, sem seriedade; a sua originalidade revela-se nos conceitos, nas particularidades secundarias. Nas suas mãos, a materia mythologica transforma-se em um assumpto frivolo, tractado com brilho exterior, divertido, mas sem



significação. Nos seus escriptos amatorios manifesta-se um amor puramente sensual á maneira dos alexandrinos. De Ovidio temos:

1) *Amores*, elegias onde se revela a immoralidade do poeta;

2) *Arte d'amar* (*Ars amatoria*);

3) *Cosmeticos* (*Medicamina faciei*);

4) *Metamorphoses*, em que se tracta das transformações mythicas, desde o Chaos até á metamorphose de Cesar numa estrella;

5) *Fastos*, em que descreve na ordem do calendario as festas dos romanos e expõe mythos que se lhes ligam;

6) *Tristes*, elegias escriptas durante o desterro no Ponto;

7) *Ibis*, invectiva no metro elegiaco, contra um inimigo;

8) *Halieutica*, poema didactico incompleto sobre os peixes do Mar Negro.

TITO LIVIO (60 a. Chr.—16 E. Chr.), de Patavio (Padua) na Gallia cisalpina, passou a maior parte da sua vida em Roma, afastado da vida politica, mas relacionado amicalmente com Augusto. Tinha educação rhetorica e philosophica. A sua obra principal é uma historia de Roma desde a fundação da cidade até á morte de Druso (9 a. Chr.) em 142 livros dos quaes só chegaram até nós 35. Temos além d'isso indices (*periochae*) de quasi todos os livros. As



fontes de Tito Livio foram principalmente o historiador grego Polybio, que escrevera uma historia de Roma e os annalistas mais recentes. Para ser um perfeito historiador faltavam a Tito Livio, além de elevados dotes de espirito, o exame directo dos logares, conhecimentos da marinha, da tactica e da administração. Na descripção dos acontecimentos, dos caracteres e das personalidades apparecem com mais vantagem as qualidades do historiador. A educação rhetorica de Tito Livio manifestase no uso continuo que elle fez de discursos imaginarios na bocca dos personagens historicos.

POMPEU TROGO escrevera uma historia universal (*Historiae Philippicae*), desde Nino até ao seu tempo, em linguagem classica e com estylo artistico, que conhecemos só pelo resumo de Justino.

#### 4. Terceiro periodo

(14-476 E. C.)

a) Character geral d'este periodo

Depois da morte de Augusto a monarchia converteu-se em completo despotismo, sob o qual a vida intellectual da nação se achou



profundamente deprimida. Quando na epocha dos Antoninos se poudo respirar um momento, a tradição litteraria estava já quebrada e só por um esforço artificial seria possível ligal-a; as condições para uma epocha de verdadeira renovação faltavam, porque os annos anteriores tinham destruido os restos do velho espirito nacional, e nenhum principio, sem uma longa evolução, podia tornar-se a base d'essa renovação. Assim a litteratura apresenta apenas alguns lampejos de vida apparente e reduz-se a imitações. O despotismo renovado por Commodo, no fim do segundo seculo da nossa era, vem destruir toda a possibilidade de regeneração. Apenas, nos recessos da vida provincial, no erudito, persistem, mas sem character nacional, o amor da arte e da sciencia. Até ao seculo vii resistirá a cultura antiga todavia á destruição, comquanto seguindo uma linha quasi recta de decadencia.

b) Principaes escriptores

PHEDRO (epocha de Tiberio e seus successores immediatos) é um nome muito conhecido pela sua redacção em jambos senarios das fabulas esopicas, que depois, por uma redacção em prosa com o nome de Romulo, teve consideravel influencia na litteratura medieual.



L. ANNEO SENECA (c. 4-65 E. C.), natural de Corduba (Cordova), educado nos principios da philosophia estoica, conhecedor de todos os recursos da rhetorica, que no seu tempo se prezavam sobre tudo, deixou-nos escriptos philosophicos, que teem interesse pelos pensamentos nelles contidos, mas que cançam pelo artificial e monotonia da forma. Nas oito tragedias que d'elle possuimos sobre assumptos da mythologia grega revelam-se talento de forma, vivacidade de phantasia, penetrante observação psychologica; mas a phrase rhetorica faz esquecer quasi esses predicados.

M. ANNEO LUCANO (39-65 E. C.), auctor de obras de generos diversos, deixou-nos na sua *Pharsalia* uma épopea historica incompleta, tendo por assumpto a guerra civil entre Pompeu e Cesar, na qual se revelam um notavel talento, intenções elevadas, junto com todos os vicios da decadencia litteraria, taes como o tom rhetorico, o abuso das sentenças, discursos e descripções, um pathetico artificial.

SILIO ITALICO (25-101 E. C.) escreveu uma epopea sobre a segunda guerra punica, emquanto á materia historica derivada de Tito Livio, emquanto á forma imitada de Vergilio e Homero; no todo é um producto meramente artificial.



P. PAPIÑO STACIO (c. 45-96 E. C.) escreveu diversas composições entre as quaes uma epopea, a *Thebaida*, que pelos caracteres litterarios se aproxima da precedente.

M. VALERIO MARCIAL (c. 42-102 E. C.), de Bilbilis, na Hispania, deixou-nos quinze livros de epigrammas, em que se manifesta um talento notavel, mas destituido de verdadeiro senso moral e esthetico.

D. JUNIO JUVENAL (c. 47-130 E. C.) nas suas 16 satyras pinta, com eloquencia e por vezes repugnante verdade, os vicios do seu tempo; falta-lhe a plasticidade d'um artista completo.

CORNELIO TACITO (54-119 E. C.) é o ultimo verdadeiramente grande escriptor de Roma. As suas obras historicas pertencem ao que, no genero, a antiguidade nos deixou de mais notavel. Acima de tudo preoccupa-o a verdade dos factos, que elle expõe não com a secura d'uma chronica, mas buscando determinar o seu encadeamento, quer nas circumstancias exteriores, quer no animo dos homens. A profundeza da sua analyse psychologica, a firmeza com que desenha os caracteres, o talento com que pinta numerosas scenas, fazendo-as como que resurgir ante o nosso espirito, são bem difficeis de egualar. Temos de Tacito:



1) *Dialogus de oratoribus*, escripto sobre as causas do estado decadente da eloquencia;

2) *De vita et moribus Julii Agricolae*, obra em que o caracter historico se acha ainda subordinado á rhetorica; especie de biographia ou elogio funebre do celebre general, sogro do historiador;

3) *Germania*, notavel estudo ethnographico;

4) *Historiae*, quatorze livros que se occupavam dos reinados de Galba, Otho, Vitellio, Vespasiano, Tito e Domiciano, mas de que só temos quatro livros;

5) *Annales*, dezaseis livros, tractando a historia romana, desde a morte de Augusto até Nero, dos quaes nos restam apenas partes.

C. SUETONIO TRANQUILLO (c. 75-160 E. C.) é um biographo que busca ser fiel, e nos dá sobre a vida dos doze Cesares, de Cesar a Domício, importantes noticias bebidas em fontes em grande parte perdidas para nós.

*Litteratura christã-latina*. Ao lado da litteratura pagã desenvolveu-se pouco e pouco no imperio romano uma litteratura tendo mais ou menos por base formal a litteratura pagã e por centro as concepções christãs. Mencionaremos alguns dos escriptores que, chronologicamente ou sob outro ponto de vista, merecem particular attenção, começando pelos prosadores.



MINUCIO FELIX (seculo II) escreveu sob a forma de dialogo e com o titulo de *Octavius* uma refutação das objecções contra o christianismo.

TERTULLIANO (Q. Septimius Florens Tertulianus) (cerca 150-230) tornou-se celebre como theologo e polemista pela sua originalidade, vigor e paixão. A sua mais importante obra é o *Apologeticum*.

LACTANCIO FIRMIANO (começo do seculo IV), mestre de rhetorica, distinguuiu-se dos outros escriptores christãos-latinos pela pureza e elegancia da sua exposição, em que segue de perto os bons modelos classicos.

S. JERONYMO (cerca 340-420) deixou numerosas obras, em que se revela um espirito penetrante, com muitos lados fracos. Entre os seus escriptos merecem especial menção a traducção da Biblia, a traducção da chronica geral de Eusebio (original grego), uma historia da litteratura christã (*virii illustres*) e cartas numerosas.

S.<sup>to</sup> AGOSTINHO (Aurelius Augustinus) (354-430) foi o mais notavel de todos os escriptores christãos-latinos; em seus escriptos acham-se fundidos os caracteristicos mais oppostos, re-



sultantes de que elle entrou na comprehensão dos dogmas christãos, com a sua educação pagã, a sua experiencia como mestre de rhetorica em Africa, Roma e Milão, uma alma cheia de fogo e uma rara phantasia poetica.

Entre os escriptores christãos latinos que nos deixaram obras poeticas mencionaremos os seguintes :

SANTO AMBROSIO (340-397), bispo de Milão, compoz hymnos ecclesiasticos que se conservam mais fieis á forma classica que os de S. Damaso.

S. DAMASO (305-384), papa, redigiu hymnos ecclesiasticos, que formam parte dos mais antigos que possuímos, nos quaes se revela já uma tendencia pronunciada para a rima.

AURELIO PRUDENCIO CLEMENTE (348 c. 410), hespanhol, é o mais importante poeta christão-latino. A sua historia dos martyres (*Peristaphon*) é considerada como a sua obra mais perfeita; é em metros trochaicos e jambicos. Nos metros lyricos de outras composições tem por modelo a Horacio. No tom e nas ideas revela Prudencio já muitos dos caracteristicos da poesia hespanhola da idade media.





## SECÇÃO III

---

### LANCE D'OLHOS SOBRE A LITTERATURA MEDIEVAL (476-1453)

---

#### 1. Factos capitaes

Quatro factos capitaes ha que observar com relação á litteratura da edade media no occidente:

1) reduccão a um minimo da cultura hellenico-romana nos paizes que tinham constituido o imperio do occidente;

2) existencia d'uma litteratura christã em lingua latina mais ou menos corrompida;

3) desenvolvimento de litteraturas saidas de gomens litterarios populares, nos diversos dialectos em que o latim se modificara (1);

(1) Vid. *Curso de litteratura nacional*, 1, §§ 91-92.



4) depois a renovação do estudo das litteraturas classicas grega e latina, phenomeno historico a que se deu o nome de *renascimento* ou *renascença*.

Occupámo-nos já succintamente do primeiro facto (1); passamos a dar algumas noções sobre o segundo, terceiro e quarto, a que tambem já nos referimos (2).

## 2. Litteratura christã-latina

A existencia d'essa litteratura é um facto geral em toda a Europa occidental, ainda fóra do dominio do antigo imperio. A maioria dos monumentos d'essa epocha não se fazem notar por caracteres artisticos: ha decadencia não só na forma, mas ainda nas ideas, na elevação do sentimento. Falta-lhes o espirito que animava as obras dos grandes padres da igreja; algumas, porém, tem interesse litterario, principalmente as composições poeticas que revelam uma influencia popular pronunciada, que são por assim dizer traducção na lingua latina litteraria morta de productos concebidas na lingua viva.

Na Hespanha temos do periodo que vae do

(1) *Ob. cit.*, §§ 82-87.

(2) *Ob. cit.*, §§ 91-92, 95, 153.



fim do seculo v ao seculo xii, em que nos apparecem escriptas as linguas vulgares, numerosas obras, que pela maior parte teem apenas valor historico ou servem só para nos mostrar uma decadencia profunda das formas litterarias.

ISIDORO DE SEVILHA (cerca 570-636) é o ultimo escriptor que busca filiar-se na tradição classica. Nas suas obras *Etymologiarum libri xx* e *De rerum natura*, deu um resumo da sciencia antiga que foi para a idade media, até ao renascimento, uma fonte inapreciavel. Escreveu tambem uma *Historia Gothorum, Vandalorum et Suevorum*.

### 3. Poesia lyrica provençal

Emquanto por toda a Europa occidental se escreviam ainda em latin as obras didacticas, sermões, leis, contractos, e ainda obras litterarias, como poesias lyricas e narrativas, e até composições dramaticas, na França o dialecto ou antes grupo de dialectos do norte, ou lingua d'oil, assim chamado do seu adverbio de affirmacão correspondente ao nosso *sim*, e o dialecto do sul, provençal ou lingua d'oc (*sim*), são elevados á categoria de verdadeiras linguas litterarias; o exemplo dado pela França



será seguido pelos outros paizes de lingua romanica.

Depois da epocha de Carlos Magno (m. 814) começam a apparecer na França composições em lingua vulgar. No começo do seculo ix a igreja recommenda aos pregadores que empreguem nos seus sermões em vez do latim o romance ou o allemão, fallado pela camada germanica da sociedade, que ainda não fora absorvida na massa da nação. No fim d'esse seculo e no decurso do seculo seguinte escrevem-se em vulgar poesias religiosas para uso dos fieis: restam-nos d'essas composições a *Cantilena de Santa Eulalia* (fim do seculo ix), a *Paixão de Christo e Vida de S. Leger* (seculo x). Mas o mais antigo monumento da lingua franceza é-nos ministrado pelos juramentos feitos em Strasburgo em 842 por Carlos o Calvo, e Luiz o germanico, em romance e germanico.

Pelo começo do seculo xii surge na Provença uma poesia lyrica cujos mais antigos monumentos conservados são firmados por dois nobres, Guilherme, conde de Poitiers e duque d'Aquitania, e Eble, visconde de Ventadour. Suppor-se-hia por isso uma origem puramente aristocratica, erudita até, a essa nova litteratura; mas é mister observar que a nobreza se achava então geralmente, sob o ponto de vista intellectual, nas mesmas condições que



o povo. Essa poesia tinha em verdade raizes bem humildes. Do mesmo modo que hoje os nossos fidalgos teem particular gosto pelos fados e outros cantos populares, os nobres do sul da França tomaram gosto pelas composições de certos individuos ambulantes, que pelo canto, musica, sortes de passe-passe, chocarrices, ganhavam a vida divertindo o publico, e esses nobres não se pejaram de cultivar e aperfeiçoar o genero. Aquelles cantores e prestigiadores ambulantes eram conhecidos pelos nomes de *scurrae*, *thymelici*, *histriones*, *joculatores* e a sua existencia é-nos testemunhada desde os ultimos tempos do imperio romano.

Taes foram as origens da poesia provençal, cujo florescimento durou cerca d'um seculo. A cruzada contra os hereticos albigenses no começo do seculo XIII fez emigrar a maior parte dos trovadores para a Italia, Castella e Aragão, vindo talvez alguns até Portugal, e assim se implantou e nacionalisou nesses paizes a poesia lyrica provençal.

#### 4. Poesia epica franceza

Emquanto na Provença se desenvolvia a poesia lyrica, no norte da França a poesia epica achava-se num periodo de grande elaboração.



Tres cyclos comprehende a poesia epica franceza da edade media:

- 1) o cyclo carolingio, ou nacional;
- 2) o cyclo da Tavola-redonda ou bretão;
- 3) o cyclo troiano ou greco-romano.

*Cyclo carolingio.* A memoria do celebre monarcha Carlos Magno deixara profunda impressão na imaginação popular; attribuiam-se-lhe feitos reaes, mas praticados por outros monarchas, e feitos perfeitamente imaginarios; davam-se-lhe muitas feições que caracterizam os heroes lendarios e celebravam-no em cantos mais ou menos curtos, cuja existencia nos é attestada do seculo IX ao XII. Os monarchas que se seguiram a Carlos Magno, muitos dos heroes da França entre aquelles seculos foram tambem objecto de cantos; mas os seus nomes esqueciam-se facilmente e eram substituidos pelo do grande imperador ou dos seus companheiros. Esses cantos eram principalmente compostos e cantados pelos guerreiros.

Pelo seculo X, cantores ambulantes chamados *jograes*, cuja existencia remontava ao tempo do imperio romano, como já dissemos, assenhoream-se d'esses cantos, submetteram-nos a differentes processos de modificação e combinação e transformaram-nos em verdadeiras epopeas.

No cyclo carolingio comprehendem-se alem das epopeas que teem por centro Carlos Magno



e que podem chamar-se as epopeas monarchicas, epopeas relativas ás luctas dos barões contra a monarchia e que podem chamar-se as epopeas feudaes.

*Cyelo da Tavola-redonda.* Chamam-se romances da Tavola-redonda os livros escriptos em verso ou prosa, em que se contam a historia fabulosa de Uter Pendragon, da Bretanha, e de seu filho Artus ou Arthur, ou as aventuras d'outros principes e valentes cavalleiros, considerados contemporaneos d'aquelles monarchas. As tradições que servem de base a esse ramo litterario tinham tres fontes distinctas: 1) as lembranças da aturada resistencia dos bretões insulares ao dominio saxão; 2) os *lais* ou cantos poeticos que corriam na tradição popular bretã e em que se lembravam nomes e feitos dos heroes nacionaes, aventuras maravilhosas; 3) as lendas relativas ao estabelecimento da fé christã na Bretanha insular ou á posse e perda de certas reliquias, entre as quaes figura o *santo graal*, vaso em que se pretendia estar sangue do Salvador, colhido por José de Arimathia. Foi Robert Wace quem pelo meado do seculo xii com o seu romance em verso, com o titulo de *Brut*, introduziu em França essas tradições, que em breve ganharam grande popularidade e se vulgarisavam noutros paizes.

*Cyelo hellenico-romano.* Na litteratura latina



da decadencia tinha achado muito favor uma historia fabulosa da guerra troiana, attribuida a um Diktys de Creta, e dada como traducção do grego. Similhante pelo assumpto e pelo genero é uma outra obra attribuida a Dares phrygio, que foi considerada como verdadeira historia por varios escriptores, taes como Isidoro de Sevilha. Maus como eram esses livros, contribuíram ainda assim para alimentar a tradição da antiguidade na edade media e serviram de base a uma litteratura romantica em grande parte em verso, tendo por objecto os heroes troianos, e que depois foi ainda incluindo no seu dominio outros heroes historicos ou fabulosos da antiguidade, como Alexandre Magno.

*Decadencia da epopea.* Pelo fim do seculo XII a decadencia da litteratura epica franceza era completa; a maior parte dos romances foram-se convertendo pouco e pouco em delambidas narrações em prosa.

### 5. O renascimento em Italia

Na Italia a tradição classica não chegara a um estado de tão profunda decadencia como nos outros paizes da Europa romana durante os primeiros seculos da edade media. A tradição da Roma imperial sobretudo persiste na



Italia: o latim é a lingua da igreja, a lingua litteraria durante longo tempo, numa forma mais perfeita em geral que nos outros paizes, nos primeiros cinco seculos da idade media; o direito romano persiste; os grandes monumentos que recordam a grandeza do passado estão de pé em grande parte. O imperador é Cesar. Roma tem o seu senado. A illusão da vida antiga chega a perturbar os espiritos. No seculo XII, Arnaldo de Brescia propõe aos romanos que reformem a ordem equestre e restabeleçam os tribunos da plebe; quer fazer reviver a republica romana, como depois o tentou fazer Rienzi, e como já o tentara Cescencio.

O primeiro grande movimento do renascimento italiano tem Roma por centro; no seculo XV, o segundo movimento dirigir-se-ha para a antiguidade grega. Naquelle primeiro movimento Vergilio apparece como um symbolo da vida da antiguidade; o poeta do tempo de Augusto adquire então a sua maior importancia na historia litteraria.

De todos os poetas latinos o que teve uma gloria mais intensa, o que produziu uma influencia mais consideravel sobre o seu tempo e os tempos que se seguiram foi Vergilio. A perfeição da forma, doçura do sentimento, a elevação moral das ideas, o annuncio d'uma nova era humana que lhe inspirara o enthu-



siasmo da conquista romana e a paz e florescimento do imperio sob Augusto consagraram-no á admiração de pagãos e de christãos. O povo romano viu nelle o seu primeiro poeta nacional; os grammaticos e os rhetoricos consideraram-no o mestre infallivel da linguagem e das formulas poeticas; os commentadores da decadencia, Servio, Macrobio, Fúlgencio emularam em descobrir os thesouros de sciencia e de doutrina occulta que havia em seus versos. Desde o segundo seculo da nossa era até aos ultimos tempos da idade media, talvez depois ainda, vemos em uso as *sortes vergilianas*. Abria-se o livro do poeta ao acaso e do primeiro verso que se offerecia á vista tiravam-se predicções, ou concluia-se sobre cousas duvidosas.

Os poemas de Vergilio foram interpretados allegoricamente. Julgou-se ver até na iv egloga um prenuncio de Christo. Em numerosas tradições figurava Vergilio como magico, encantador; mas esse personagem é inteiramente á parte do Vergilio da erudição apenas ligado a elle pelo nome ou algum outro accidente fortuito. A admiração por Vergilio foi uma das causas de se salvar a tradição classica na idade media.

Homero estava inteiramente esquecido, ou era apenas conhecido num miseravel epitome. Da litteratura hellenico-latina Aristoteles foi o



unico auctor muito tempo estudado. Mas Vergilio assim transformado, como a tradição classica, interpretado sob o ponto de vista christão, allegorico, era mais proprio para levar o espirito a aberrações do que para exercer uma influencia benefica.

DANTE ALDIGHIERI (1265-1321), natural de Florença, foi o primeiro que comprehendem Vergilio sob um ponto de vista profundo, elevado; elle vê no mantuano o poeta nacional, o mestre do estylo. Na sua epopea, a *Divina comedia*, em que narra uma viagem ao inferno, purgatorio e paraíso, Vergilio é o seu guia no inferno e no purgatorio, seu *duca e maestro*; e é idealisado no sentido das concepções do poeta florentino. Vergilio torna-se para elle o symbolo da razão independente da revelação, como Beatriz, por quem Dante tivera um purissimo amor, se torna o symbolo da fé; a acção dos dons funde-se para o elevar á concepção da eterna ideia. Assim entre a alma christã e a alma pagã o grande florentino não vê nenhuma opposição interna.

Dante, apesar das suas obras latinas, não é um philologo, um critico; é um poeta, um theologo poeta. A obra do Renascimento, porém, faz-se principalmente pelos philologos, pelos criticos.



PETRARCHA E BOCCACIO, escriptores philologos, contribuíram, com outros de nome menos illustre, mais directamente que Dante para o conhecimento da antiguidade. A paixão philologica augmentou em Petrarcha com os annos; elle conhecia a fundo a lingua latina, escrevia-a com correccão e elegancia, apesar de alguns solecismos, não com a dureza de Dante; mas ignorava o grego. No fim da vida, quando o seculo XIV ia a findar, o estudo do grego inaugura-se em Italia; Petrarcha tenta ainda contemplar na sua pureza original os modelos litterarios de Roma: doente, trabalha dezeseis horas por dia, escreve de noite ás apalpadellas na cama, mas não consegue ler Homero; ao mesmo tempo instiga a mocidade á exploração do novo mundo aberto ao espirito, faz procurar manuscriptos e morre, trabalhando, com a fronte deitada sobre um livro.

Boccacio era um espirito muito menos profundo, menos entusiasta que Dante e Petrarcha. Os seus trabalhos litterarios são de generos muito variados; o seu nome vive principalmente como auctor do *Decamerone*, onde elle narrou com talento d'artista contos colhidos de todos os ventos, da antiguidade classica, das tradições medievaes, do oriente. Attinge ás vezes o termo do realismo; mas seus intuitos são superficiaes. Satyrisa o clero e



manifesta esse mesmo indifferentismo religioso que se acha em tantos homens do seu paiz e do seu tempo. O seu tractado da *Genealogia dos deuses*, mistura das ideias de Cicero com as de Euhemero, escriptor grego que considerava os deuses como personagens historicos, foi muito tempo o tractado de *mythologia* mais estudado na Europa. Como critico os seus juizos são superficiaes; mas a sua acção foi apesar d'isso consideravel no movimento do renascimento.

Um facto que caracteriza a Italia, em opposição com os outros paizes da Europa, é que nella esse movimento não foi puramente a obra dos eruditos, mas se reflectiu nas camadas populares.

## 6. Tradição classica no povo

Na alma do povo italiano a tradição classica nunca se apagou de todo. Um grande numero de lendas se condensa em torno de alguns nomes celebres como o de Virgilio, como o de Trajano. Prégara-se em latim até ao tempo de S. Francisco e de Santo Antonio. Nas deliberações politicas fallava-se ainda ao povo em latim no seculo XIII; os homens de negocios e os jurisconsultos fallavam correntemente essa lingua, em que o povo cantava muitas poesias.



Os *clerici vagantes*, estudantes de *tuna* ou *goliardos* saídos, nos seculos XII e XIII de Italia e principalmente da Lombardia, percorriam a Europa inteira afrontando as crenças medievaes, glorificando os escriptores antigos, Juvenal, Horacio, Vergilio.

### 7. Reacção e fusão das correntes litterarias medievaes

Os diversos paizes romanicos e germanicos possuam todos os elementos proprios, nacionaes, que poderiam ter servido de base a uma litteratura organica, como foi a grega, se por ventura as condições o permittissem.

Assim na Allemanha achamos cantos epicos de character perfeitamente popular nos seculos VIII e IX e mais tarde epopeas nacionaes desenvolvidas (*Nibelungenlied*, *Gulrun*); na Hespanha houve uma elaboração epica original em que a materia foi ministrada principalmente pela memoria das luctas da reconquista, e elaboração dos romances; a Inglaterra, teve entre outros monumentos em que a influencia estranha é de pouca ou nenhuma consideração, a epopea *Beowulf*; mas a lyrica provençal, a epopea franceza, as tradições biblicas, as fabulas e contos orientaes (vid. p. 10), e a influencia da antiguidade veem



reagir sobre esses elementos nacionaes, ministrando ás diversas litteraturas bases de desenvolvimento commum. As differenças, resultantes do genio de cada nação subordinam-se a tendencias geraes e essa subordinação vae crescendo com o desenvolvimento da civilisação. O renascimento dos estudos classicos, que irradia da Italia, é um dos mais fortes agentes que fomentam a unificação intellectual da Europa, unificação que, nos seus traços essenciaes, pode dizer-se realisada em os nossos tempos.

Estudando na terceira parte d'este curso a litteratura portugueza, veremos como nella se veem reflectir, de modo mais ou menos accentuado, todos os movimentos litterarios dos outros paizes da Europa.





# BIBLIOGRAPHIA

## 1. Litteratura antiga

**Albrecht Weber.** *The History of Indian Literature.*  
Translated from the German by John Mann. London,  
1878. 8.º

**August William Schlegel.** *A Course of Lectures on  
Dramatic Art and Literature.* Translated by John  
Black. London, 1861.

**Fr. Schlegel.** *History of Literature, Ancient and Modern.*  
Now first completely translated. London. 8.º (An-  
tiquado, mas util pelo conjuncto e muitas ideias.)

**Édéléstand du Ménil.** *Histoire de la comédie. Période  
primitive.* Paris, 1864. 8.º

**William Smithe.** *Dictionary of greek and roman My-  
thology and Biography.* 3 vols. 8.º London.

**Alexis Pierron.** *Histoire de la littérature grecque.* Paris,  
1857. 18.º—*Histoire de la littérature romaine.* Paris,  
1857. 18.º

**Otfried Müller.** *Histoire de la littérature grecque jusqu'à  
Alexandre le Grand.* Trad. etc. por K. Hillebrand.  
3 vols. Paris, 1866. 8.º

**G. Bernardy.** *Grundriss der Griechischen Literatur.* 4<sup>te</sup>  
Bearbeitung. 2 Partes em 3 vols. Halle, 1876. 8.º



- W. S. Teuffel.** *Geschichte der römischen Literatur.* Leipzig, 1875. 8.º (Ha uma trad. franc. *Histoire de la littérature romaine*, ainda não completa.)
- A. Kirchhoff.** *Die homerische Odyssee.* Berlin, 1879, 8.º  
Para a questão homérica vid., entre outros, ainda:  
KARL MULLENHOFF, *Deutsche Allerthumskunde.* 1 vol. Berlin, 1870. 8.º—H. STEINTHAL, *Ueber Homer und insbesondere die Odyssee*, em *Zeitschrift für Völkerpsychologie.* Bd. VII.
- Patin.** *Études sur les tragiques grecques.* 4 vols. Paris, 1866. 18.º
- Guillaume Guizot.** *Ménandre. Étude historique et littéraire sur la comédie et la société grecques.* Paris, 1866. 18.º
- Villemain.** *Tableau de l'éloquence chrétienne au IV<sup>e</sup> siècle.* Paris, 1855. 18.º

## 2. Litteratura medieval e moderna, excepto a portugueza

- F. Diez.** *Die Poesie der Troubadours.* Zwickau, 1827, 8.º  
(Ha uma trad. franc. por o barão Ferdinand de Roisin.)—*Leben und Werke der Troubadours.* Ibid., 1829. 8.º—*Essai sur les cours d'amour*, trad. etc. par le baron Ferdinand de Roisin. Paris, 1842, 8.º
- C. Faurel.** *Histoire de la littérature provençale.* 3 vols. Paris, 1847. 8.º
- Gaston Paris.** *Histoire poétique de Charlemagne.* Paris, 1865, 8.º
- Léon Gautier.** *Les épopées françaises.* 3 vols. Paris, 1865-1868. 8.º (Ha segunda ed. do 1.º vol.)
- Victor Le Clerc et Ernest Renan.** *Histoire littéraire de la France au XIV<sup>e</sup> siècle.* 2<sup>e</sup> ed. 2 vols. Paris, 1865. 8.º
- Émile Gebhart.** *Les origines de la Renaissance.* Paris, 1879. 8.º



**George Ticknor.** *History of Spanish Literature.* 3 vols. London, 1863. 8.º (Ha uma edição posterior e traducções valiosas em allemão e hespanhol; a franchezza é defeituosa.)

**Ferdinand Wolf.** *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur.* Berlin, 1859. 8.º

**H. Taine.** *Histoire de la littérature anglaise.* 5 vols. Paris, 1866-69. 18.º

**W. Scherer.** *Geschichte der deutschen Literatur* (em publicação).



IN DECK

UNESP



# INDEX

PREFACÃO .....	V-XII
----------------	-------

## INTRODUCCÃO

1. <i>Litteratura</i> .....	1-2
2. <i>Historia da litteratura</i> .....	3-4
5. <i>As litteraturas europeas e as orientaes</i> .....	4-10
Egypto (5). Assyria (5-6). Palestina (6). China (6-7). India (7-9). Persia (9). Influencia das litteraturas orientaes sobre as europeas (9-10).	

## SECÇÃO I

### Litteratura grega

1. <i>Preliminares</i> :	
a) Origem e caracter dos gregos.....	11-13
b) A religião e a civilização hellenicas .....	13-14
c) Divisão da historia da litteratura grega...	14-15
d) Dialectos gregos .....	15-17
2. <i>Primeiro periodo</i> :	
a) Poesia primitiva dos gregos ( <i>lino, pean, threno, hymeneo, hymno</i> ).....	17-19



b) Poetas mythicos.....	19-21
Eumolpo (19). Orpheu (19-20). Oleno (20). Museu (20). Thamyris (20-21).	
c) Outros generos litterarios primitivos ( <i>proverbios, enigmas, contos</i> ).....	21
3. <i>Segundo periodo</i> (cerca de 1000 a 490 a. Chr.):	
a) Divisões.....	21-22
b) Poesia epica.....	22-29
Factos historicos que determinam a formação epica (22-24). Homero (24-25). Opiniões ácerca da formação da <i>Iliada</i> e da <i>Odyssea</i> (25-26). Formação da <i>Iliada</i> (26-27). Formação da <i>Odyssea</i> (27). Hymnos homericos (27-28). Aedos e rhapsodos (28). <i>Batrachomyomachia</i> (28). Poetas cyclicos (28-29). Metro epico. Recitação (29).	
c) Poesia hesiodica.....	29-31
Caracter geral (29-30). Hesiodo (30-31).	
d) Poesia elegiaca, jambica e epigrammatica	31-38
Caracteres geraes (31-32). Especies de elegia (33). <i>Jambo, parodia, choliambo</i> (34). <i>Epigramma</i> (35). Archiloco de Paros (35). Callino d'Epheso (36). Simonides de Amorgos (36). Tyrteu (36-37). Mimnermo (37). Solon (37). Hipponax (38).	
e) Poesia melica.....	38-50
Caracteres geraes (38-41). Estrophe, antistrophe, epodo (38-39). Diferenças da melica dorica e eolica (39-41). Especies da melica ( <i>pean, nomo, hyporchema, hymno, prosodia, parthenia, scolio, encomio, epithalamio, canto crotico, threno, epicedio, dithyram-</i>	



<i>bo</i> (41-44). Phases do dithyrambo (Arion, Laso, choregia) (44-46). Melicos eolios (Alceu, Sappho, Ibyco, Anaereonte) (46-47). Melicos dorios (Terpandro, Alcman, Stesichoro) (47-49). Cantores da melica universal (Simonides de Ceos, Pindaro) (49-50).	
f) Começo da litteratura prosaica.....	50-52
Pherecydes, Thales, Pythagoras (51).	
Primeiros ensaios historicos (Cadmo de Mileto, Hecateo, logographos) (52).	
4. <i>Terceiro periodo</i> (490-366 a. Chr.):	
a) Caracteres d'este periodo.....	52-53
b) A tragedia.....	53-60
Origens (53-54). Primeiros tragicos (Epigeno, Thespis, Phrynicho, Cherilo, Pratinas) (54-56). Os grandes tragicos (Eschylo, Sophocles, Euripides) (56-59).	
c) A comedia.....	60-63
Origens da comedia (60). Susarion (60). Epicharmo, Phormis (61). Divisão da historia da comedia (antiga, media e nova) (61). Aristophanes (61-62). A comedia media (62-63).	
d) Historiographia.....	63-65
Herodoto (63). Thucydides (64). Xenophonte (64-65).	
e) A eloquencia.....	65-67
Antiphon (65). Lysias e Isocrates (66). Eschines (67). Demosthenes (67).	
f) Outros generos cultivados no terceiro periodo.....	68
Philosophia, sciencia. Platão. Aristoteles.	



5. <i>Quarto periodo</i> (336 a 30 a. Chr.):	
a) Caracter geral d'este periodo .....	68-69
b) A comedia nova.....	69-70
Menandro (70).	
c) Poesia bucolica e siciliana.....	70-71
Origens (70). Theocrito (70-71).	
d) Escola d'Alexandria.....	71-72
e) Escriutores diversos.....	72-73
Polybio (72). Strabão (73).	
6. <i>Ultimos periodos</i> ... ..	73

## SECÇÃO II

### Litteratura romana

1. <i>Preliminares</i> :	
a) Origem e caracter dos romanos.....	75-76
b) A religião romana.....	76-77
c) Origens litterarias de Roma.....	77-81
A escripta (77). Verso saturnino (78).	
Antigas inscrições (78-79). Cantos populares (79). <i>Fescenninas</i> (80). <i>Saturas</i> (81). <i>Atellanas</i> (81).	
d) Divisão em periodos.....	81-83
2. <i>Primeiro periodo</i> (280-84 a. Chr.):	
a) Poetas.....	83-86
Livio Andronico (83). Cneo Nevio (83-84). F. Maccio Plauto (84). Q. Ennio (84-85). Publio Terencio (85). C. Lucilio (85). L. Accio (85-86).	
b) Prosadores.....	86-87
Q. Fabio Pictor (86). M. Porcio Catão (86). Gaio Graccho (87). Nevio e L. Pomponio (87): <i>Rhetorica ad C. Herennium</i> (87).	



2. *Segundo periodo:*

a) Primeira epocha..... 88-95

M. Terencio Varrão (88-89). Q. Hortencio Hortalo (89). M. Tullio Cicero (89-92). C. Julio Cesar (92-93). Cornelio Nepos (93). T. Lucrecio Caro (93). C. Sallustio Crispo (94). C. Valerio Catullo (94-95).

b) Segunda epocha..... 95-101

P. Vergilio Marão (95-97). Q. Horacio Flacco (98-99). Albio Tibullo, Sexto Propercio (99). P. Ovidio Nasão (99-100). Tito Livio (100-101). Trogo Pompeu (101).

4. *Terceiro periodo:*

a) Caracter geral d'este periodo..... 101-102

b) Principaes escriptores..... 102-107

L. Anneo Seneca (103). M. Anneo Lucano (103). Silio Italico (103). P. Papinio Stacio (104). M. Valerio Marcial (104). D. Junio Juvenal (104). Cornelio Tacito (104-105). Litteratura christã-latina (Minucio Felix, Tertuliano, Lactancio, S. Jeronymo, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Damaso, Aurelio Prudencio) (105-107).

SECÇÃO III

**Lance d'olhos sobre a litteratura medieval**

1. Factos capitaes..... 109-110

2. Litteratura christã-latina..... 110-111  
Isidoro de Sevilha (111).

3. Poesia lyrica provençal..... 111-113



4. Poesia epica franceza.....	113-116
Cyclo carolingio (114). Cyclo da Tavo- la-redonda (115). Cyclo hellenico-ro- manico (115-116).	
5. O renascimento em Italia.....	116-121
Dante (119). Petrarca e Boccacio (120- 121).	
6. Tradição classica no povo.....	121-122
7. Reacção e fusão das correntes litterarias me- dievaeas.....	122-123
BIBLIOGRAPHIA.....	125-127

---

### ERRATA

Pag. 9, lin. 12, lêde *X* em vez de *XII*. — P. 41, lin. 22, l. *ligadas* em vez de *ligados*. — P. 46, lin. 10, l. *eolios* em vez de *dorios*. — P. 68, lin. 1, l. *terceiro* em vez de *quarto*.

Facil será corrigir algum outro erro do mesmo genero.



# Magalhães & Moniz—Editores

LARGO DOS LOYOS, 12—PORTO

## Visconde de Villa Maior

*O Douro Illustrado*, album do rio Douro e paiz vinhateiro, contendo: introdução historica e descriptiva do paiz vinhateiro, descripção das principaes quintas e dos trabalhos vinicolas usados no Douro, nota sobre o commercio dos vinhos do Porto, serviço e trabalho dos armazens; 1 volume com 24 vistas e 2 mappas, encadernado..... 7\$000

## Ramalho Ortigão

*Banhos de Caldas e Aguas mineraes de Portugal*, 1 volume com 10 vistas e desenhos de phantasia ..... 1\$000  
*As Praias de Portugal*, 1 volume com 10 vistas e desenhos de phantasia ..... 1\$000

## João de Deus

*Flores do Campo*, 1 volume ..... 600  
*Folhas Soltas*, 1 volume ..... 600

## Rangel de Lima

*Dramas e Comedias*—1.º volume: «A pedra de escandalo». «Casas, criados e agiotas». —2.º volume: «A condessa do Freixial». «Como se enganam mulheres», cada um..... 500

## David Livingstone

*Viagens de exploração no Zambeze e na Africa Central*, traducção de Julio Gama, 1 volume..... 400



**Theophilo Gautier**

*Magdalena de Maupin*, tradução de Francisco Gomes de Souza, 1 volume..... 600

**Alberto Pimentel**

*Photographias de Lisboa*, 1 volume..... 300

**Julio Lourenço Pinto**

*A Vida Atribulada*, scenas da vida contemporanea, 1 volume..... 500

*O Senhor Deputado*, 1 volume..... 500

**Alberto Braga**

*Contos d'Aldeia*, 1 volume..... 500

*Contos da minha lavra*, 1 volume..... 500

*Novos Contos*, 1 volume..... 500

**Antonio Candido**

*Orações funebres*, 1 volume..... 500

**Rodrigues de Freitas**

*O Portugal Contemporaneo* do sr. Oliveira Martins, 1 volume..... 200

*Elementos de escripturação mercantil*. 1 vol..... 600

\*\*\*

*Camoneana academica*, Junho 1881. 1 vol. .... 500

**Teixeira Bastos**

*Ensaios sobre a evolução da humanidade*. Estudos de sociologia. 1 volume..... 500

**Augusto Malheiro Dias**

*A Pauta das alfandegas* nas suas relações com as industrias, o commercio, a fazenda publica e o consumidor. 1 volume..... 300



**Theophilo Braga**

- Sciencia das religiões.* Origens poeticas do Christianismo.  
2 volumes ..... 1\$500  
*Manual da historia da litteratura portugueza.* 1 v. 600  
*Antologia portugueza.* Trechos selectos coordenados sob  
a classificação dos generos litterarios. 1 vol... 600

**Theophilo Braga e Julio de Mattos**

- O Positivismo.* Revista de philosophia. 3 volumes 7\$500  
Está no prélo o 4.º anno e custa, por assignatura, 2\$250.

**R. Jorge, M. Arthur e C. de Pinho**

- Revista scientifica.* 1.º anno. Por assignatura..... 2\$250

**Julio de Mattos**

- Historia natural illustrada.* 54 fasciculos a 200 reis. A obra  
completa, 6 vols. ou 90 fasciculos, custará... 18\$000  
*A ultima reforma da instrucção secundaria.* 1 vol. 100

**B. Moreira de Sá**

- Guia de correspondencia e escripturação commercial.* 1  
volume..... 1\$200  
*Selecta franceza* para uso dos lyceus, annotada. 1 volu-  
me..... 1\$000

**A. J. Ferreira da Silva**

- Noções de chimica clementar,* primeira parte: *Noções ge-  
raes.* 1 volume..... 360

**Z. Consiglieri Pedroso**

- Compendio de historia universal,* para uso dos lyceus. 1  
volume..... 1\$000

**Amaral Cirne Junior**

- Resumo da historia da pedagogia.* 1 vol..... 400



**A. Epiphanio da Silva Dias**

<i>Eutropius</i> , anotado, para uso das escolas. 3. <sup>a</sup> edição. 1 volume . . . . .	400
<i>Grammatica portugueza elementar</i> , approvada pela junta consultiva de instrucção publica. 4. <sup>a</sup> ed. rev.	300
<i>Sulpicii Severi</i> , chronica, com annotações, para uso das escolas. 1 volume .. . . .	300

**A. Epiphanio e Von Hafe**

<i>Grammatica franceza</i> , para uso das escolas. 3. <sup>a</sup> edição. 1 volume.....	700
--	-----

**João Diniz**

<i>Novo livro de leitura</i> para as escolas primarias de Portugal e do Brazil (illustrado). 1 vol. Br. 400. Enc.	540
---	-----

**Elias Fernandes Pereira**

<i>Guia dos exames de admissão</i> , seguida de uma collecção de figuras para o estudo do desenho. 6. <sup>a</sup> ed. 1 vol.	400
<i>A arithmetica dos lyceus</i> , redigida em harmonia com o programma official. 1 volume.....	700

**Julio G. Moreira**

<i>Elementos de desenho geometrico</i> , elaborados conforme o programma official. 1 volume . . . . .	250
<i>Grammatica da lingua ingleza</i> , 1 volume.....	600
<i>C. Julii Cæsaris</i> , commentarii de Bello Gallico. 2. <sup>a</sup> edição. 1 volume.....	300

**Ollendorff**

<i>Methodo</i> para aprender a ler, fallar e escrever a lingua franceza em seis mezes. 4. <sup>a</sup> edição, muito melhorada. 2 volumes.....	1\$000
<i>Methodo</i> para aprender a lêr, fallar e escrever em seis mezes a lingua franceza (trad. dos thomas). 1 vol.	400



**F. Adolpho Coelho**

<i>Tratado da pronuncia franceza, complemento do Methodo Ollendorff.</i> 1 volume ..	400
<i>A Língua portugueza, noções de glottologia.</i> 1 vol.	400
<i>Noções de litteratura antiga e medieval, como introdução á litteratura portugueza.</i> 1 vol.....	400

\*\*\*

<i>Conversação parisiense, collecção de dialogos.</i> 1 volume cart.....	600
--	-----

**Amaral Cirne Junior  
e Patricio T. Alvares Ferreira**

<i>Exposição elementar do systema legal de medidas portuguezas, com gravuras elucidativas do texto.</i> 1 vol.	250
--	-----

**Prospero Pichard**

<i>Doutrina do Real.</i> Catecismo para uso dos que não se contentam com palavras. 1 volume.....	400
--	-----

**A. M. Gomes**

<i>Lições de leitura manuseripta, em letra variada.</i> 1 volume .....	200
<i>Collecção de trechos, em prosa e verso, extrahidos dos melhores escriptores contemporaneos.</i> 1 volume encadernado.....	500

**A. Ribeiro da Costa e Almeida**

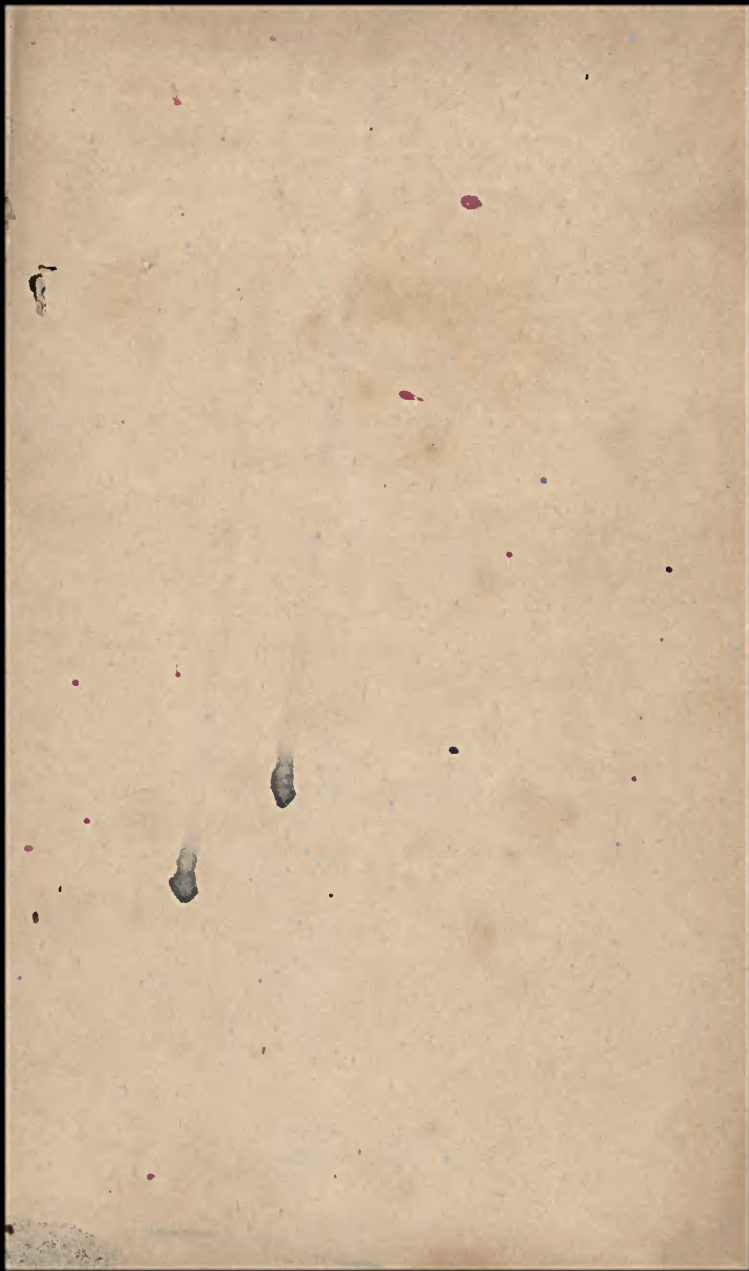
<i>Curso elementar de philosophia, comprehendendo todas as materias do programma official para o ensino nos lyceus.</i> 3. <sup>a</sup> edição, emendada e acrescentada com resumos de todas as partes do curso. 1 vol.....	1\$600
---	--------



30

B. Pet.  
es







FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS  
BIBLIOTECA CENTRAL  
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

Tombo 4117

Autor COELHO, F. A.

Título Noções de Litteratura  
Antiga e Medieval

Classificação \_\_\_\_\_

N.o do Leitor \_\_\_\_\_

TOMBO: 4117

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS  
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro  
do prazo, o leitor perderá o direito a novos  
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não  
houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000



